

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

CARLOS ANTÔNIO TROVOADA COSTA

**CONSPIRACIONISMO DO CANAL *O DOCUMENTARISTA* NO YOUTUBE EM
RELAÇÃO À PANDEMIA DA COVID-19**

IMPERATRIZ

2022

CARLOS ANTONIO TROVOADA COSTA

**CONSPIRACIONISMO DO CANAL *O DOCUMENTARISTA* NO YOUTUBE EM
RELAÇÃO À PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, do (Centro de Ciências Sociais Aplicadas), da Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Profa. Dra. Denise Cristina Ayres Gomes

IMPERATRIZ

2022

CARLOS ANTONIO TROVOADA COSTA

**CONSPIRACIONISMO DO CANAL *O DOCUMENTARISTA* NO YOUTUBE
EM RELAÇÃO À PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Maranhão como requisito básico para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social / Jornalismo, pela universidade Federal do Maranhão.

Orientador/a: Dr^a. Denise Cristina Ayres Gomes

Aprovado em: 31/01/2022

Banca Examinadora

Profa. Dr. Denise Cristina Ayres Gomes (Orientador/a)

Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel (Examinador)

Prof. MsC. Nayane Brito (Examinador)

Imperatriz – MA
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Antônio Trovoada Costa, Carlos.

CONSPIRACIONISMO DO CANAL O DOCUMENTARISTA NO YOUTUBE
EM RELAÇÃO À PANDEMIA DA COVID-19 / Carlos Antônio
Trovoada Costa. - 2022.

56 f.

Orientador(a): Dra. Denise Cristina Ayres Gomes.

Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade
Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

1. Conspiração. 2. Imaginário. 3. Mídias digitais.
4. Pandemia. 5. YouTube. I. Cristina Ayres Gomes, Dra.
Denise. II. Título.

Dedico este trabalho para meus
Pais, por todo o apoio de sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a vida e me proporcionar a força para buscar realizar meus sonhos.

Agradeço à minha orientadora, Profa Dra. Denise Cristina Ayres Gomes, pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória.

Aos meus colegas de sala, por todos os momentos juntos em todas as nossas caminhadas.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento a minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa e me motivaram a continuar sempre.

A internet é um grande multiplicador que não só oferece fácil acesso a todos que desejam desabafar sua verdade, mas também permite conexões mais rápidas “[...] (VAN ZONEN, 2012, p. 64)

A mídia modula o imaginário social, procurando organizar o mundo através de narrativas. Consumimos a informação que, de alguma maneira, nos afeta, seja porque responde aos nossos interesses pragmáticos e imediatos ou porque simplesmente provoca sensações, atualiza-nos sobre as novidades e proporciona participar das conversas diárias. (GOMES, 2018, p. 497).

RESUMO

O estudo investiga como as teorias conspiratórias em relação à Covid-19 estão presentes no canal *O Documentarista* do YouTube com o objetivo de identificar os temas presentes e analisar as estratégias do canal para atrair a atenção dos internautas. Utilizamos as pesquisas bibliográfica e documental e o aporte teórico da abordagem do imaginário (GOMES, 2018, 2019; MAFFESOLI, 2001, 2014, 2020; SILVA, J., 2012, 2017). Discutimos as teorias conspiratórias a partir das características propostas por Foguel (2021). Nosso *corpus* se constitui nos quatro vídeos mais acessados que abordam a pandemia. Observamos que o canal tem um apelo sensacionalista, mistura fatos e ficção e confere protagonismo às opiniões do apresentador. O canal é vetor do imaginário sobre a pandemia, modulando afetos, valores, desejos e comportamentos, por isso, é uma tecnologia do imaginário (SILVA, J., 2012) com vistas a seduzir o internauta para dar likes e monetizar o canal. O cenário apocalíptico desencadeado pela Covid-19 torna mais indistintas realidade e ficção. O canal *O Documentarista* utiliza a Bíblia para embasar suas teorias de um possível fim do mundo. Verificamos que o apresentador lança diversos questionamentos sobre matérias jornalísticas e dúvida da ciência, contribuindo assim para a infodemia.

Palavras-chave: Conspiração. Pandemia. Imaginário. Mídias digitais. YouTube.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Representação da Nova Ordem Mundial ‘Reset’ em função da covid-19	p. 35
Figura 2 – Série de humor como exemplo de modelo para o novo mundo	p. 36
Figura 3 – Coronavírus toma forma de super-herói	p. 37
Figura 4 – Livro da bíblia como embasamento teórico	p. 38
Figura 5- Capa do vídeo em referência ao Apocalipse Zumbi	p. 39
Figura 6 – Site de notícia sobre o possível Apocalipse Zumbi	p. 41
Figura 7 – Capa de chamada sobre nova doença piro que à covid-19	p. 43
Figura 8 – Site Tecmundo especializado em notícias sobre tecnologia	p. 45
Figura 9 – Texto bíblico como referência da nova doença	p. 46
Figura 10 – Questionamento científico	p. 48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	p. 9
2 A PANDEMIA COMO CONSEQUÊNCIA DO MEDO	p. 12
2.1 AS INFODEMIAS NO YOUTUBE	p. 16
2.2 Teorias da Conspiração e imaginário	p. 22
2.3 Os memes como fontes de informação, desinformação e teorias da conspiração	p. 27
3 CONSPIRACIONISMO DO CANAL <i>O DOCUMENTARISTA</i> EM RELAÇÃO À PANDEMIA DA COVID-19	p. 32
3.1 A pandemia e a nova ordem mundial	p. 34
3.2 Pandemia e apocalipse zumbi	p. 39
3.3 Uma nova pandemia e novo apocalipse	p. 42
3.4 Questionando os fatos	p. 47
CONCLUSÃO	p. 50
REFERÊNCIAS	p. 52

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de grandes aflições e incertezas, o medo iminente de contrair uma doença contagiosa faz com o que a sociedade busque incansavelmente respostas e soluções para controlar ou se proteger da ameaça. A todo o momento somos induzidos a ler uma notícia, assistir a um vídeo nas mídias sociais ou navegar pelas páginas da web. A maneira como lidamos com a pandemia do novo coronavírus é influenciada pelo consumo de informações. A mídia modula nossas crenças, valores, estados de espírito e comportamentos, isto é, intervém no imaginário coletivo, estabelecendo formas de ser e estar no mundo.

Os limites impostos pela pandemia da Covid-19, como o isolamento social, intensificaram a vida nas redes digitais e, conseqüentemente, o consumo de informação. De acordo com um levantamento feito pela revista *exame*¹, durante o período pandêmico, o YouTube foi uma das redes sociais mais acessadas devido à diversidade de assuntos divulgados nos canais. Não apenas jornalistas, mas principalmente influencers passaram a disponibilizar conteúdos sobre a pandemia.

Mendes (2020) relaciona que a conectividade, em meio ao caos de dor e incerteza provocado pela pandemia, ocasionou um aumento significativo na audiência de canais sem bases científicas. Marcelo Bichara (2020) compreende que esse oceano de informações sem fontes confiáveis caracteriza a infodemia, compreendida como quaisquer boatos e discursos produzidos pelas plataformas digitais.

Ana Regina Rêgo (2021) afirma que o YouTube é o principal meio de circulação de conteúdos negacionistas e informações equivocadas potencializadas pela pandemia da Covid-19. Alguns canais, intitulados jornalísticos, expõem afirmações e teses mirabolantes na tentativa de explicar o motivo da pandemia ou formas de atrair atenção ou audiência.

Nosso objeto de estudo, o canal *O Documentarista* no YouTube, integra este ambiente emocional e alarmista. O canal reuniu uma série de temáticas que criam uma conexão entre os internautas e conta com 2,31 milhões de inscritos e 453 vídeos na plataforma, tornando-se uma das páginas mais conhecidas do Brasil.

O estudo parte da seguinte questão de pesquisa: "Como as teorias conspiratórias em relação à Covid-19 têm sido utilizadas no canal *O Documentarista* do YouTube? O estudo teve

¹ <https://exame.com/tecnologia/whatsapp-instagram-e-youtube-sao-os-apps-mais-usados-na-pandemia/>

como objetivo geral identificar os temas presentes e analisar as estratégias do canal para atrair a atenção dos internautas.

A escolha do tema apresenta uma relevância de estudo para se entender como algumas mídias têm se utilizado de teorias conspiratórias, negacionismo e outras vertentes para ganhar mais visibilidade em seus conteúdos. Os canais do YouTube, por exemplo, arregimentam milhões de internautas, mesmo difundindo informações que não se baseiam em fatos ou pesquisas científicas. Distantes da verdade comprovável, tais conteúdos ganham credibilidade e influenciam a tomada de decisão das pessoas. Esta pesquisa evidencia como as teorias conspiratórias relacionadas à pandemia de Covid-19 atraem a atenção e geram engajamento no canal *O Documentarista*.

Visto que algumas pesquisas e estudos sobre Teorias da Conspiração já foram realizadas, Bill Gates, cofundador da Microsoft, concedeu uma entrevista para a revista “Publico”², em que afirma que “Teorias da conspiração sobre a pandemia de covid-19 são “insanas e diabólicas”, outro estudo, sobre valores correlativos de crenças em teorias da conspiração, situa como as pessoas acreditam e têm certeza de eventos futuros. A internet nos acrescentou um oceano caudaloso de informações, mas apesar do amplo acesso à mais volumosa biblioteca já produzida na História, o imaginário coletivo é saturado de narrativas-relâmpago (SILVA; CASTIEL, 2020, p. 7).

Dessa forma, dividimos o estudo em dois grandes capítulos e subtítulos. O primeiro é dedicado à introdução que situa o assunto proposto pela pesquisa, pontuando as questões das redes sociais e os mecanismos que modulam o imaginário e criam ideias e teorias da conspiração. Recorremos a autores como Maffesoli (2001), Juremir Machado (2017), Marcelo Bichara (2020). Em seguida, recorremos aos conceitos abordados por Israel Foguel (2021) no livro sobre as Teorias da Conspiração.

No segundo capítulo de nossa pesquisa: "A pandemia como consequência do medo", utilizamos os conceitos propostos por Arora (2020). O autor explica que o temor das pessoas é intensificado a partir das mídias e de páginas específicas que utilizam a retórica de persuasão, transformando tal emoção em "coronofobia"; um estado de perplexidade em virtude do imenso volume de informações. Discutimos ainda as causas que contribuem para que as teorias conspiratórias ganhem repercussão no social (DE CARVALHO, 2021).

²<https://www.publico.pt/2021/01/27/impar/noticia/teorias-conspiracao-pandemia-covid19-sao-insanas-diabolicas-bill-gates-1948098>. Acesso em: 10 nov. 2021

Abordamos em outra parte do estudo, as "Infodemias" que são um fluxo exacerbado de informações verídicas e inverídicas sobre a pandemia (BICHARA, 2020) e "Memes como fontes de informação, desinformação e teorias da conspiração" (ANDERSEN; GODOY, 2020). Compreendemos que o canal *O Documentarista* é uma tecnologia do imaginário (SILVA, J., 2012), pois os conteúdos conspiracionistas ajudam a modulá-lo e a induzir a estados de espírito sobre a pandemia. Ademais os conceitos de que os memes se configuram como um replicador, uma unidade com fragmentos carregados de minuciosas vertentes que se espalham de um lado para outro entre as pessoas (CHAGAS, 2020).

O terceiro capítulo sistematiza os procedimentos metodológicos escolhidos para a análise do objeto de estudo. Utilizamos as pesquisas bibliográfica e documental e o aporte teórico da abordagem do imaginário (GOMES, 2018, 2019; MAFFESOLI, 2001, 2014, 2020; SILVA, J., 2012, 2017). Discutimos as teorias conspiratórias presentes em *O Documentarista* a partir das características propostas por Foguel (2021). Nosso *corpus* se constitui nos quatro vídeos mais acessados do canal *O Documentarista* que abordam a pandemia. Observamos, portanto, a modulação do imaginário sobre a pandemia, a partir de crenças conspiratórias, apelo religioso e conteúdo ficcional que os vídeos apresentam. As afirmações preenchem a necessidade de dar sentido ao mundo e responder às inquietações das pessoas, principalmente em tempos pandêmicos e de grande turbulência.

2 A PANDEMIA COMO CONSEQUÊNCIA DO MEDO

A pandemia causada pelo novo coronavírus acarretou mudanças radicais no cotidiano da sociedade. A doença chamada SARS-CoV-2 ou Covid-19 é uma infecção respiratória aguda provocada pelo coronavírus (MS, 2021). Inicialmente a doença foi detectada na província de Wuhan, na China em novembro de 2019, e espalhou-se pelo mundo. No dia 18 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) elevou a doença ao nível de pandemia. Segundo dados do *Our World in Data*³ até o dia 27 de dezembro de 2021, a Covid-19 já havia contaminado 330 milhões de pessoas em todo o mundo, levando a óbito mais de 5 milhões de pessoas.

De acordo com uma pesquisa elaborada em 2020 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2020), durante a pandemia de Covid-19, o número de usuários na 'internet' no Brasil ultrapassou 152 milhões de pessoas conectadas, em comparação com o ano anterior 2019 que era de 134 milhões. Ou seja, 81% da população do país acima dos dez anos estavam tendo contato com dispositivos ligados às redes.

Uma pesquisa divulgada pelo canal Terra mostrou que, nos anos de 2020 e 2021, o YouTube foi uma das redes mais acessadas pelos internautas, tendo o momento da pandemia como principal fator para o avanço desta rede social. Segundo a pesquisa, a razão para o sucesso do YouTube é que as pessoas buscaram e acessaram mais os vídeos para sanar dúvidas e conseguir respostas à Covid-19 e também para se manter conectadas com as transmissões em tempo real, utilizadas por muitos canais e artistas de todos os segmentos.

Dessa forma, a sociedade interconectada acaba consumindo vídeos de fontes diversas, sejam canais jornalísticos ou especialistas, até conteúdos conspiratórios, negacionistas e que propagam a desinformação. Bezerra (2021) enfatiza que a pandemia gera não apenas o contágio e a infecção nas pessoas, mas acarreta outras reações como medo, desespero, baixa autoestima, criando um verdadeiro "pavor coletivo". Tal estado mental está sendo chamado de "coronofobia" (ARORA, 2020), termo que procura definir transtornos de medo que a população tem de contrair Covid-19. Essa emoção exacerbada se tornou bastante corriqueira nesses tempos sombrios, denominada como um estado de excessiva perplexidade, intensificado pela mídia sobre os males que a doença pode causar no indivíduo infectado.

³Our World in Data - Research and data to make progress against the world's largest problems. É uma publicação especializada em expor pesquisas empíricas e dados analíticos sobre mudanças na qualidade de vida em todo o território mundial. Homepage: <https://ourworldindata.org/coronavirus-data>

Assim, o intenso e abundante volume de informações circulantes na mídia a respeito da pandemia intervém sobre o imaginário coletivo, modulando o que as pessoas creem, valoram, pensam e a maneira como se comportam. O fenômeno da coronofobia é intensificado pela mídia que, a todo momento, expõe os perigos e mortes causados pela Covid. A coronofobia é desencadeada “por experiências traumáticas associadas à infecção, à morte de pessoas próximas e o estresse induzido pela mudança na rotina devido às medidas de distanciamento social” (NASCIMENTO; DOS SANTOS; DE SIQUEIRA, 2021, p. 5).

De acordo com uma pesquisa elaborada em 2020 por Nabuco, De Oliveira e Afonso o artigo “O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental” constatou que a Covid-19, por ser uma doença infecciosa e contagiosa, provoca medo na população e conseqüentemente insegurança e ansiedade.

O ambiente nebuloso instaurado pela pandemia e o excesso de informação circulante na mídia tornam o clima propício para a divulgação de conteúdos que produzem medo, despertam a curiosidade ou mesmo procuram levar as pessoas a buscarem freneticamente uma resposta diante de todo o caos do mundo pandêmico. A necessidade de dar sentido a uma realidade instável e ameaçadora impulsiona o consumo de informações de fontes nem sempre confiáveis.

As redes sociais digitais, como o YouTube, tornam-se um espaço propício para a divulgação de conteúdo sem comprovação científica ou embasamento em fatos concretos. Os “conspiradores” e desenvolvedores produzem ainda mais conteúdos que despertam medo e curiosidade dos internautas que buscam por explicações e soluções para a ameaça da Covid-19.

Explicar o medo não é uma tarefa tão simples como parece. Mendes (2020) relaciona que o medo é derivado de muitas causas, pois ele pode aparecer nas pessoas a partir da ideia de céu e inferno, do autoconhecimento do certo e errado, do bem e do mal. As religiões e crenças, coisas ocultas e até os segredos das autoridades também podem suscitar o medo. Os eventos climáticos e a crise sanitária instaurada pela pandemia intensificaram esse fenômeno que atinge as pessoas em escala planetária.

Raquel Juliana de Oliveira Soares (2021) exemplifica que o excesso de informações equivocadas e imprecisas sobre as causas da pandemia gerou uma série de inseguranças e acarretou muitas outras conseqüências para toda a população. A pandemia instaurou o aumento do desemprego, violência doméstica, a baixa da renda familiar, alterou também a rotina de aulas das escolas com fechamento, paralisação e sem previsões de retorno. Ou seja, "a pandemia de Covid-19 impactou significativamente a saúde mental de muitos" (SOARES, 2021, p. 2).

Jorge, Melo e Nunes (2020, p. 587) explicam que “A perplexidade desencadeia, no que lhe concerne, às crenças delirantes que pretendem dar sentido ao real sem sentido” (JORGE; MELO; NUNES, 2020, p. 587). Os primeiros relatos e notícias sobre a doença começaram a circular nas grandes mídias sobre as complicações e a letalidade que o vírus pode causar no ser humano, o que gerou um clima de insegurança e medo. As autoridades de diversos países tomaram medidas para tentar frear as novas transmissões e utilizaram as mídias tradicionais como também as redes sociais para divulgar mensagens de conscientização e informações sobre a pandemia que atinge o planeta.

É evidente que neste cenário apocalíptico, as teorias da conspiração ganharam ainda mais destaque neste período turbulento e de emoções coletivas em que o mundo se encontra. As teorias conspiratórias são uma crença em determinados eventos de grande repercussão ou impacto na esfera social (DE CARVALHO, 2021) e explicam que a junção desses fatores geraria um efeito e que poderia ser usado por grupos ou organizações de diferentes vertentes com finalidades de manipular as pessoas. Como é o caso de canais nas mídias que se apropriam de algo que seja muito relevante ou que já aconteceu na história, e esses eventos são colocados em vídeos e posts para causar um temor e medo nas pessoas, incitando a curiosidade que promove a interação e o compartilhamento de tais assuntos.

Desse modo, a sociedade passa a conviver com o medo e o caos proporcionado por esse agente invisível (FREITAS; NAPIMOGA; DONALISIO, 2020, p. 1), “pois não existiam planos estratégicos prontos para serem aplicados a uma pandemia de coronavírus – tudo é novo”, devido às inúmeras notícias e informações trágicas circulando em todas as mídias, produzindo assim um “medo concreto da morte, fechamento de escolas, empresas e locais públicos, mudanças nas rotinas de trabalho, isolamento” (ORNELL; FELIPE *et al.* 2020, p. 3). Tudo que é novo ou desconhecido causa um temor, receio e apreensão em qualquer ser humano, pois “o medo é uma emoção básica e inata de qualquer pessoa” (SALGUEIRO, 2021, p. 96), algo que não se pode controlar, foram assim os primeiros meses da pandemia de Covid-19 em todo o mundo.

O medo descontrolado que as pessoas têm sobre uma conspiração, é por achar que quem está no poder produz algum evento catastrófico ao nível mundial. Fato que podemos perceber nos noticiários do Brasil e também no mundo, quando a chegada da Covid-19 desencadeou uma série de especulações e teses sobre a origem do vírus e o porquê ele se espalhou. Por ter iniciado na China, o país foi acusado de ter produzido o vírus em laboratório para iniciar uma guerra biológica e assumir o controle econômico do mundo.

Por exemplo, o artigo "The Psychology of Conspiracy Theories" (2017) revela que muitas pessoas tinham a tendência em acreditar em histórias e teorias que não fossem verdadeiras de uma forma simultânea. Assim, um questionário produzido dentro do artigo foi feito com perguntas objetivas na busca de saber se aquele grupo acreditava que o terrorista Osama Bin Laden teria sido mesmo morto pelo exército norte-americano. A pesquisa constatou que quanto mais a população depositava confiança nas forças armadas, automaticamente vinha a desconfiança de que esse terrorista ainda estaria vivo e logo atacaria novamente os Estados Unidos em algum momento. Dessa forma, a conspiração atinge um nível diferente no intelecto das pessoas, passando uma espécie de medo e insegurança.

O cenário de bombardeio informacional relacionado à pandemia, vem ocasionando um ambiente propício para a circulação de conteúdo com teor conspiracional, fake News, ativistas religiosos, tudo isso atrelado ao medo coletivo. Essa ambiência nebulosa, acionada principalmente pelos conteúdos divulgados na internet, remete a um imaginário. A realidade se expressa a partir do imaginário, uma atmosfera comum que ultrapassa a esfera racional e possui dimensões simbólica, lúdica, onírica e afetiva. O imaginário é “o conjunto de crenças, representações, fantasmagorias, criações culturais e cotidianas que permitem expressar, dar forma a esse sentimento comum.” (MAFFESOLI, 2020, p.8).

Diariamente nos deparamos com narrativas de diferentes contextos sobre determinada situação, pois de certa forma elas “dão sentido ao mundo, põe coisas em seu lugar de acordo com nossa experiência, e então nos fala o que fazer” (MALINI; FABIO, et al. 2020, p. 9), e a pandemia se tornou um assunto preponderante no noticiário e demais conteúdos. O YouTube possui acesso facilitado e qualquer um pode postar ou assistir a conteúdos sobre os mais diversificados assuntos. Essa rede social se torna um ambiente de desinformação e propagadora de sensacionalismo diante de determinados conteúdos.

Sendo assim, várias páginas das redes sociais e canais do YouTube aproveitam o momento de instabilidade emocional e incertezas das pessoas para compartilhar e conseguir ganhar mais visualizações e engajamento nos conteúdos. As mensagens de cunho emotivo são, muitas vezes, sensacionalistas, principalmente as negativas por causa desse efeito alarmante, as que disseminam com mais facilidades. Tais conteúdos carregam um maior poder de adesão e convencimento que tende a atrair as pessoas (WAINBERG, 2018, p. 153).

Nesse contexto de crise causada pelo vírus, o pavor e a instabilidade emocional das pessoas são utilizados como um ponto nevrálgico para quem produz conteúdos sensacionalistas

e conspiratórios, pois quem tem temor de algo, busca por repostas e solução para a crise. Quando uma doença ou surto de qualquer natureza começa a devastar a sociedade em grande proporção, surge a preocupação e a curiosidade. As pessoas querem dar sentido aos fenômenos, tentar desvendar e se informar sobre quais fatores levaram ao surgimento de tal enfermidade, ou como ela se propagou e atingiu a escala global, quais os medicamentos podem curar. Essas questões geram muitas vezes estranhamento e medo na vida do ser humano, constantemente diante de novas situações e acontecimentos que causam instabilidade e temor.

Mario Carvalho (2020) compreende que o vírus, por ser um elemento intangível, é um mal que circula em todos os lugares, sendo muito difícil de ser compreendido pela sociedade de modo geral, pois é algo que causa estranhamento despertando o medo e curiosidade. Mas não apenas o vírus se propaga com rapidez, a informação tem uma velocidade desenfreada.

Tempos como esses de informações exageradas e replicação excessiva de conteúdos sobre Covid-19 são a tônica que alguns canais conspiracionistas e negacionistas têm para se manterem ativos e conseguirem internautas para consumir os conteúdos. Estes não possuem nenhum embasamento científico ou factual, mas atraem a atenção pelo tom sensacionalista e o modo supostamente revelador como enunciam as afirmações. Em síntese, podemos afirmar que “a pandemia evidenciou a fragilidade psicoemocional da sociedade pós-moderna” (BUENO et al., 2021, p. 4).

2.1 AS INFODEMIAS NO YOUTUBE

Marcelo Bichara (2020) afirma que o termo “infodemia” vem ganhando força e que precisa de nossa atenção para não ser compreendida apenas como um grande fluxo de informações e quaisquer boatos ou discursos produzidos pelas plataformas digitais. A sociedade está completamente interconectada, vivendo em uma rede infinita de propagação e navegação, disseminando um volumoso número de informações com todos os modos e pontos de vista, que até mesmo assuntos e discursos mais grotescos e sem comprovação factual ou científica ganham espaço e se multiplicam nas redes sociais de uma forma tão rápida que pode ser “comparada com um incêndio”, conforme comenta o autor.

Araújo (2021) aponta que o fenômeno "infodêmico" pode agravar a atual situação complexa de pandemia, pois tudo isso exerce uma exaustão nas pessoas tanto física como mentalmente, causando ansiedade, sobrecarga emocional como o medo e insegurança. A mídia tende a potencializar o interesse, a curiosidade, a expectativa e o medo produzindo uma

ambiência que interfere nas práticas cotidianas. Esse ambiente mobiliza a sociedade em torno de valores e sentimentos comuns.

Ainda conforme Araújo (2021) a abundância e o intenso fluxo de informações confundem as pessoas nas tomadas de decisões. O momento de instabilidade das pessoas serve como pretexto para que os canais midiáticos que divulgam conteúdo conspiratório ganhem engajamento. Além disso:

A gigantesca abrangência e velocidade de disseminação de informações falsas tem produzido um quadro em que as informações falsas estão mais presentes na vida das pessoas do que as verdadeiras e de qualidade, e acabam tendo muito mais influência na tomada de decisões e na definição das linhas de ação. [...] "esse excesso de informações circulantes (algumas verdadeiras, outras falsas) faz com que seja difícil para as pessoas encontrarem as informações verdadeiras na hora de tomar as decisões e agir (ARAÚJO, 2021, p. 6-7).

Esses tempos turbulentos são uma grande fonte de produção e reprodução de notícias, em que observamos as redes sociais em uma aceleração constante na divulgação de informações e produzindo um maior volume de pensamentos e teorias com relação à Covid-19. A abundância de informação disponível e a facilidade de produzir e divulgar conteúdo incita a circulação de conteúdos conspiracionistas. "Aplicativos (APPs) para ‘smartphones’ estão a cada momento se tornando mais frequentes e comuns no cotidiano das pessoas" (FERREIRA, et al. 2021, p. 4), pois não apenas servem para fazer ligações como em outras épocas, mas carregam uma infinidade de mecanismos que possibilitam uma difusão de verdades e também inverdades.

A velocidade e a disseminação de conteúdo enganoso ou mal-intencionado ocorre nas plataformas digitais "Em uma sociedade marcada pelas conexões em rede e pela informação, o fenômeno amplifica-se com as redes e mídias sociais" (GIORDANI et al. 2021, p. 3), pois, na maioria das vezes, as informações vêm com ilustrações descontextualizadas ou exageradas, apresentando fotos de outros acontecimentos, geralmente manipuladas por edições nos "softwares", dando a sensação de uma catástrofe ainda maior, isso tudo se torna uma alavanca para os conteúdos conspiracionistas. Com a "[...] pandemia de Covid - 19, encontramos uma infinidade de teorias e especulações, no mínimo surpreendentes, para preencher as lacunas de falta de informações" (ANDERSEN; GODOY, 2020, p. 185), colaborando então para termos uma alarmante esfera de "infodemias" por consequência da Covid-19.

No caso específico da Covid -19, podemos deduzir que se trata de uma enfermidade não somente que atinge a saúde, mas também tem repercussões na ordem informacional, visto que ela acarreta interpretações diversas dos internautas que consomem e compartilham tais conteúdos.

Diante de todo o bombardeio de informações com relação à pandemia da Covid-19, muitas redes sociais e canais do YouTube produzem um conteúdo abundante para ser assistido e compartilhado por seus inscritos e seguidores, informações essas que a maioria das vezes não possui aprofundamentos ou respaldo técnico e comprovações científicas ou factuais.

Angélica Andersen e Elena Godoy (2020) reiteram que a propagação de informações sobre o vírus no ambiente digital causa uma confusão mental devido:

As informações sobre o vírus são complexas, poucas pessoas são especialistas em áreas como medicina, virologia, epidemiologia, sociologia, entre outras, para estarem capacitadas a avaliar os conteúdos disponibilizados; além disso, poucos procuram dados das fontes originais das informações e se dispõem a analisar estes extensos conteúdos, preferindo consumir informações já consolidadas por plataformas de mídia diversas. Ao mesmo tempo, como o mundo inteiro está pesquisando e analisando o problema, grande parte da produção de informação é realizada em língua inglesa e uma parcela significativa dos brasileiros não têm familiaridade suficiente para compreender os conteúdos (ANDERSEN; GODOY, 2020, p. 186).

De acordo com um levantamento feito pelo site da BBC NEWS em 2018, uma das teorias da conspiração mais famosa aconteceu recentemente, foi em 2017 nos Estados Unidos. Foram registrados 58 casos de sarampo no estado de Minnesota, sendo o maior surto dessa doença que já estava erradicado no país há mais de 30 anos, e que misteriosamente voltou a aparecer e infectar as pessoas. Conforme o governo, a vacina sempre esteve disponível para quem quisesse se vacinar.

Diante disso, a força e o crescente uso e consumo de informações exibidos pelas mídias sociais, começaram a aparecer pequenos grupos de pessoas que são contra as vacinas. Eles colocam em dúvida o poder de imunização e acabam por influenciar outros a não recorrer ao medicamento, desencadeando então um surto de uma doença que praticamente estava extinta da sociedade, por reações e influências causadas pelos conspiracionistas gerando “[...] algo que pode originar uma convergência de reações afetivas” (WAINBERG, 2018, p. 152).

Vasconcellos e Castiel (2020) exemplificam que a proliferação falaciosa e dissonante sobre determinado assunto gera ceticismo ou crença exagerada, narrativas ou pensamentos

causando uma infinita aglomeração de referências e orientações sem embasamentos comprovados cientificamente. Nesse ponto de vista a pandemia tem causado esse efeito em toda a parte, em que muitas informações e crenças e opiniões sobre a doença e busca por tratamento precoce causou problemas quanto à adesão às medidas de distanciamento social e a vacinação.

O coronavírus por ser um elemento intangível se torna um mal que circula por todos os lugares e esferas na sociedade, portanto, um fenômeno que não é fácil para compreender (CARVALHO, 2020), e assim se torna um assunto que causa medo e curiosidade, logo ganha um destaque nas plataformas. “A internet é o caminho lógico para uma sociedade onde o olhar pessoal tem esse tipo de peso, [...] com a falta de mediação[...]” (DE ALBUQUERQUE; QUINAN, 2019, p. 90) possibilita um caminho que fica aberto para as fakes news, negacionismo, ativismos religiosos e também as teorias da conspiração, pois elas adotam não somente um ponto específico de abordagem, mas sim vários assuntos e outros contextos.

O Psiquiatra Forense do Instituto de Psiquiatria do HC — São Paulo, Dr. Daniel Martins de Barros, enfatiza em seu canal do YouTube⁴, que pessoas estão ficando cada vez mais adeptas às teorias, às superstições e todas as categorias de misticismos. Para o Psiquiatra não adianta chegar nessas pessoas adeptas de conspiracionismo e tentar convencer sobre fatos e conteúdos científicos, pois, na medida em que alguém toma para si alguma circunstância ou uma causalidade, ela acaba por acreditar em narrativas que vão ao encontro de suas crenças e valores.

Os criadores de conteúdos conspiratórios na grande rede também propagam uma série de informações com relação à prevenção e aos cuidados que seus inscritos devem ter para não se contaminar pelo vírus da Covid-19. Muitas vezes, os canais relacionam política com a pandemia, defendendo a postura de determinado político.

Um personagem icônico e muito conhecido em todo o mundo é o bilionário co-fundador e Ex-sócio da Microsoft Bill Gates. Ele esteve à frente da empresa de 1975 até o ano de 2006, quando deixou o posto de majoritário da companhia de ‘software’. Constantemente seu nome é lembrado como uma das pessoas mais ricas e poderosas do mundo, que na maioria das vezes esteve sempre ocupando a primeira posição.

⁴ Daniel Martins de Barros é psiquiatra, professor colaborador do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP. Doutor em Ciências e bacharel em Filosofia pela USP, é colunista do jornal O Estado de S. Paulo e da Rádio Band News FM. https://www.linkedin.com/redirect?url=http%3A%2F%2Fwww%2Einstitutobemestar%2Ecom%2Ebr&urlh ash=uoUK&trk=public_profile_website
Acesso em: 15 dez 2021.

O canal TecMundo no YouTube divulgou um vídeo falando sobre Bill Gates, que desde o início da pandemia da covid-19, veículos de imprensa, agências de checagem e pesquisadores científicos tiveram de elaborar uma série de estudos e ações para desmentir uma série de boatos e teorias da conspiração. O nome do ex-dono da Microsoft foi envolvido e diretamente referenciado como o próprio anticristo na terra, com uma única intenção de plantar uma revolução e transformar a raça humana, e que a Covid — 19 seria apenas um ponto de partida para essa nova era. Mas tudo isso que foi relatado não passava apenas de uma teoria da conspiração ou narrativa do apresentador para ganhar mais engajamento em seus vídeos. Pessoas que têm uma alta influência na mídia e possuem muito dinheiro ou simplesmente aparecem com suas opiniões e debates sobre a pandemia, logo podem se tornar alvo de especulações.

Bill Gates está sendo vinculado a tantas teorias especialmente em relação à pandemia de coronavírus. O que pode ser explicado de que uma teoria conspiracionista somente poderá existir se tiver uma relação com grupos sociais de alta relevância ou estiver centrada em um único personagem ou figura mundialmente conhecida (FOGUEL, 2021). Assim, tendo uma fonte central de muita visibilidade, canais e desenvolvedores de conteúdos se apropriam desses elementos para disseminar um montante de informações e especulações no mínimo surpreendentes e ganhar mais notoriedade.

Silva (2010) afirma que existem dois fatores para explicar como as teorias conspiratórias se tornaram tão eficazes nesses tempos atuais, e o porquê dessas “infodemias” sobre a Covid-19. Uma primeira instância é devido ao pouco conhecimento midiático de uma parcela dos internautas, ou seja, a incapacidade que algumas pessoas têm para perceber se uma informação é confiável ou não. O outro fator que contribui para essa dissonância de informações, é a tendência de muitos canais produzirem teorias bastante elaboradas com artes chamativas e imagens que parecem ser verídicas ou bem fundamentadas, nessa conjuntura, temos o contexto ideal para a divulgação de conteúdos fantasiosos.

O artigo da autora Ana Regina Rêgo (2021) “YOUTUBE: repositório da desinformação”, publicado no site do NUJOC⁵, página especializada em checagem de informações imprecisas ou falsas e de combate às fake news, afirma que esse arsenal de dados e tráfego de vídeos sem embasamentos científicos se alojam com muita facilidade nos mais

⁵ <https://www.nujocchecagem.com.br/youtube-repositorio-da-desinformacao/>
Acesso em: 27 dez 2021.

diferentes canais dentro do YouTube. A rede digital é um repositório de desinformação e também multiplicador de teorias da conspiração, crenças e negacionismos científicos.

Rêgo (2021) exemplifica como o YouTube é o ponto central para a circulação de vídeos com informações falsas potencializados pela pandemia de Covid-19. Muitos conteúdos estão em circulação nos canais que se intitulam jornalísticos e informativos propagando uma gama de convicções e teses mirabolantes como sendo milagrosos e eficazes contra a proliferação do vírus causador dessa doença respiratória aguda. Podemos citar como exemplo um canal famoso e curioso que prega uma visão distorcida do que é comprovado cientificamente, o Canal no YouTube do Professor Terra Plana, em que seus vídeos são conteúdos que abordam que nosso planeta não é uma esfera, mas sim em forma plana sendo achatada nos polos. Com essas categorias de canais e páginas que ainda circulam fica evidente que o YouTube ainda contribui para uma infodemia, e circulação de teorias da conspiração.

Desse modo, o fenômeno de replicação em massa acontece pela facilidade que algum vídeo depois de postado seja rapidamente compartilhado em qualquer outra plataforma ou aplicativo de mensagem, transformando esses produtos multiplataformas e de rápida difusão. Mesmo aprimorando as políticas de combate à desinformação, o YouTube ainda não possui o controle total de vídeos com conteúdo falsos e desinformativos que circulam nos canais. "Recentemente vimos a plataforma do YouTube remover inúmeros vídeos que abordam temáticas antivacina, inclusive, live do Presidente Jair Bolsonaro, reforçando sua política de banimento de conteúdo no que concerne também a este tema" (REGO, 2021, p. 1). Assim, esse suposto aprimoramento de banir conteúdos não é tão eficaz como se parece, visto que eles somente ocorrem quando já se tornam muito prejudiciais e ganharam relevância.

Evidentemente que, para cada vídeo derrubado por uma plataforma, ainda existirá centenas e milhares de outros em circulação nas redes contendo seus conteúdos carregados de desinformação, negacionismos e teorias conspiratórias espalhando desinformação, inseguranças e medo para quem os assiste e compartilha, tendo também por detrás disso um retorno capital financeiro para a plataforma, devido à grande visualização e monetização dos conteúdos. "De nós, nada fica, extraem tudo o que podem e ainda tem o poder de dizer quem, quando e onde pode falar" (RÊGO, 2021, p. 1).

2.2 Teorias da Conspiração e imaginário

Em tempos conturbados, a internet se tornou um meio eficaz e rápido para a propagação de teorias da conspiração. Facilidade, dinâmica, acessibilidade fazem proliferar os conteúdos. Silva (2010) afirma que a internet é um meio propício para a circulação em massa de desinformação e teorias curiosas e sem comprovações científicas. Cerca de metade deles não são confiáveis (SILVA, 2010), tantas teorias, explicações e publicações em todos os formatos formam uma densa nuvem de confusão informacional “[...]como uma rede de boatos e a casa para os disseminadores de conspirações ataçarem o fogo” (SILVA, 2010, p. 20), pregando suas crenças e levando pessoas a aderirem aos seus pontos de vista.

A mídia modula o imaginário social, procurando organizar o mundo através de narrativas. Consumimos a informação que, de alguma maneira, nos afeta, seja porque responde aos nossos interesses pragmáticos e imediatos ou porque simplesmente provoca sensações, atualiza-nos sobre as novidades e proporciona participar das conversas diárias. (GOMES, 2018, p. 497).

Na contemporaneidade por conta da pandemia de Covid-19, mas também devido à mudança no estatuto da verdade, as pessoas estão passando por uma transformação epistemológica "de alta insegurança “[...]de não saber o que é verdade ou em quem pode confiar para ter acesso à verdade e contá-la" (VAN ZOONEN, 2012, p. 60). A autora argumenta que esse fenômeno epistemológico vem aumentando devido à internet ser um grande campo facilitador de teorias e ideias mirabolantes que não possuem uma base verdadeira e segura. O regime de verdade contemporâneo está calcado no testemunho e na opinião e não mais nas instituições. A verdade é regulada “pelos dogmas, pela intimidade, pela experiência pessoal” (SACRAMENTO, 2018, p. 5).

Ainda segundo Liesbet Van Zoonen (2012), esse “Eu” dono da verdade, desconfia irracionalmente das instituições científicas e se vê propenso a teorias conspiratórias, o que ela denominou de “Eu-pistemologia:

as afirmações da verdade que vêm da Eu -pistemologia agora têm plataformas muito mais amplas e intensas do que nunca. A internet é um grande multiplicador que não só oferece fácil acesso a todos que desejam desabafar sua verdade, mas também permite conexões mais rápidas “[...] portanto, que o YouTube produz uma multiplicação de afirmações e negações de verdades (VAN ZOONEN, 2012, p. 64).

Douglas, Sutton e Aleksandra Cichocka (2017) levantam um ponto importante que uma teoria conspiratória e disseminar que eventos importantes na história e até mesmo locais têm participação ou ligação com grupos secretos, ou sociedades ocultas, trabalhando e tramando os rumos do mundo silenciosamente esperando somente a hora ideal para revelar suas reais pretensões.

O ser humano necessita pertencer a uma comunidade de ideias, de se reconhecer e estar em contato com o outro. A intimidade e a experiência pessoal são compartilhadas na rede, modulando o regime de verdade pós-moderno. As instituições que se ergueram na modernidade dão margem para a ascensão do testemunho e da opinião, elementos dinamizadores das redes sociais digitais.

Paulo Faltay (2019) divulgou um relatório produzido pela Creators Connect “O poder dos Youtubers”, publicado pelo Google em julho de 2018, trazendo uma série de deslocamentos sobre as mídias de massa. Na pesquisa foram elaboradas perguntas para delinear a rede de informação mais consumida entre as pessoas durante a pandemia. O levantamento apontou que os Youtubers ultrapassaram os jornalistas e até mesmo celebridades da televisão como fontes formadoras de opinião mais influentes nesse período de 2019 a 2021.

o YouTube, passou a fazer, cada vez mais, parte do cotidiano da população mundial. Seu crescimento se deu a partir da possibilidade de interação que a rede propõe (cultura participativa), não só oferecendo um diálogo entre o produtor de conteúdo e o ‘telespectador’, mas, com a plataforma, os usuários, antes apenas receptores da mensagem, passaram a poder transmitir seus pensamentos através de vídeos publicados em seus próprios canais. (LEITE; FRANÇA; DOS SANTOS, 2017, p. 2)

Ainda de acordo com esses autores, uma rede social que divulga continuamente informações e têm grande número de visualização, logo se torna uma fonte disseminadora de teorias da conspiração. Dessa forma, pode-se perceber a força que esses novos meios comunicacionais vêm ganhando nesses tempos de pós-verdade que é definida “[...] como algo que denota circunstâncias nas quais os fatos objetivos tem menos influência para definir a opinião pública do que o apelo à emoção ou às crenças pessoais” (SANTOS, 2016, p. 5).

Isso se deve ao poder de persuasão que muitos apresentadores e canais nas mídias digitais têm de convencer e introduzir uma teoria. Mendes (2020) exemplifica que a persuasão é um método ou processo que visa mudar a atitude de alguém, através de símbolos, imagens, sentimentos ou combinação de todos esses elementos. Por isso, podemos compreender e

observar como essas teorias mirabolantes ganham tanta repercussão, justamente pelo simples fato de quem está apresentando utilizar estratégias persuasivas para desenvolver conteúdos conspiracionistas que contribuem para a desinformação no enfrentamento da pandemia de Covid-19.

De acordo com Ribeiro e Martinuzzo (2021), o poder de influenciar com a persuasão se torna um mecanismo produtor de fake news, teorias e rumores sobre determinado evento, e com o poder que a internet adquiriu ficou ainda mais fácil todo esse arsenal de ideias ser propagado nos mais diversificados lugares. Plataformas de ‘streaming’, reprodutores de vídeos como o próprio YouTube, conseguem reunir uma vasta combinação de elementos que atraem a atenção de quem os assiste.

Podemos exemplificar de uma maneira, antes de um vídeo ser publicado, tem que passar por uma edição minuciosa, o editor do vídeo ou o proprietário do canal pode difundir, crenças e ideologias no conteúdo como, por exemplo, uma imagem híbrida de um símbolo da Covid-19 dentro de uma casa, ou uma pessoa internada em um leito de UTI transformando em uma espécie de “Zumbi”, algo ficcional muito visto e defendido por canais que adotam teorias da conspiração nos conteúdos. Dessa maneira, a junção de contextos que misturam realidade e ficção confundem o internauta, mas atraem a atenção. O objetivo maior é gerar um elevado número de likes e compartilhamentos em outras mídias sociais, e conseqüentemente o lucro para o canal e a plataforma.

Albuquerque e Quinan (2019) afirmam que um dos motivos que levam as teorias conspiratórias a se tornarem cada vez mais presentes, é devido a esta grande disseminação e proliferação de filmes. O grande sucesso de produções como “Matrix (1999),” “Arquivo X (1993)” e “La casa de Papel (2017)” evidencia todos os conteúdos que abordam causas conspiracionistas em suas histórias, desenvolvendo nas pessoas um ceticismo e a crer em lógicas midiáticas híbridas.

Filmes, séries, desenhos animados e até mesmo as telenovelas são basicamente fontes de disseminação de teorias da conspiração, pois no desenvolvimento dos seus contextos muitos fatores são entrelaçados para atrair os consumidores. O filme Matrix (1999) teve um sucesso extraordinário exibindo como seria a humanidade com o advento das tecnologias no corpo da pessoa, onde o ator principal está constantemente sujeito a experimentos tecnológicos e testes de elevação da capacidade cognitiva e motora de seus membros. Assim, fenômenos extraordinários que ocorrem nesses filmes ficcionais são uma fonte para disseminar teorias.

Muitas pessoas também acreditam que os desenhos da Disney foram criados por sociedades secretas, um governo paralelo e até mesmo pelo “Anticristo” citado e descrito pela religião evangélica, como um ser ou uma pessoa capaz de governar o mundo e pregar uma falsa paz ao longo de três anos de poder sobre a Terra. Esses desenhos teriam uma espécie de mensagem subliminar “[...] aqueles estímulos imperceptíveis captados pelo subconsciente (KLEBIS, 2006, p. 1) animações essas que têm um poder persuasivo de captar a atenção das crianças, mas que por detrás deles há elementos encobertos e místicos que às vezes não podem ser explicados ou desvendados”.

Brian Keeley (1999) afirma que as teorias da conspiração são significativas para um pequeno grupo de pessoas, pois nem sempre é aceita pela maioria, variando segundo a crença e a ideologia de cada indivíduo. “No fundo do ideológico há sempre uma interpretação, uma explicação, uma elucidação, uma tentativa de argumentação capaz de explicitar”. (MAFFESOLI, 2001, p. 76). A mídia catalisa emoções, crenças, valores, desejos e medos circulantes e potencializa essa ambiência. Em outras palavras, a mídia se nutre do imaginário vigente e o modula. Desse modo as teorias da conspiração produzem uma aura “[...] que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo [...]” (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Alguns “estudos indicam que começar a acreditar em uma teoria da conspiração é uma porta para acreditar em outras, mesmo que contraditórias” (SOARES, 2021, p. 33). A dúvida parece não ter um fim lógico, pois a cada dia surgem novas causas e momentos que atingem a forma como enxergamos o mundo. Carvalho (2020, p. 4) afirma ainda que “boa parte das teorias conspiratórias que despertam o interesse da opinião pública são “[...] improváveis de ser verdadeiras”, assim, podemos observar que nem tudo o que vemos e consumimos nessas plataformas de streaming são confiáveis e tem um respaldo científico e técnico, ou simplesmente usam do atual momento caótico e de medo para obter mais visualizações e comentários nas postagens.

Segundo Malena Contrera (2002, p. 40) em tempos de crises emocionais e inseguranças, publicações dos mais variados assuntos e teses ganham destaques e são mais consumidos no meio social, pois “Somos sistemas vivos [...] sujeitos a constantes interferências ambientais”. Cada vez que lemos uma notícia ou vemos um tópico relacionado com causalidades fora dos padrões, somos persuadidos a tentar desvendar aquele mistério e saciar nossas curiosidades.

Conforme estudos e pesquisas realizadas pelo site da BBC News Brasil em 2018, especialistas afirmaram que algumas teorias conspiratórias são falsas e inexistentes, mas que o

poder de persuasão de convencer e mostrar o que são cada uma delas acabam por torná-las mais fortes. Como podemos ver nos canais negacionistas e conspiratórios, a exemplo do “professor Terra plana”, “Magnética mente”, “Verdade ou Subjetividade, todos esses canais se utilizam “[...]de símbolos linguísticos ou visuais, influencia o pensamento do destinatário de um discurso, ou do leitor de um texto” (BAPTISTA, 2020, p. 45). Ainda conforme o autor, podemos deduzir que quanto mais o conteúdo for chamativo ou ilustrado em uma página de ‘website’, ou perfil de rede social, produzirá sensações e sentimentos.

Assim a persuasão que essas teorias conspiratórias produzem acontece pelo modo como os apresentadores falam e exibem os conteúdos. Cria-se um ambiente tenso, em que o apresentador olha fixamente para a câmera de modo intimidador, como se estivesse falando diretamente e ao vivo com o internauta. Os conteúdos utilizam som que inspira medo e tensão, além da exibição de imagens apocalípticas parecendo um filme de terror. O cenário conflituoso e incerto resultante da pandemia é o ambiente propício para a propagação de teorias conspiratórias no ciberespaço, acarretando um imaginário que se traduz nas práticas sociais.

A internet disponibiliza muita informação que funciona como alerta, conselhos e promessas para as aflições cotidianas. A ambiência das redes é predominantemente emocional, volúvel, intensa e propícia à estimulação. “As práticas sociais emergentes da cultura digital estimulam ideias, crenças, valores, mitos e rituais que transcendem a esfera racional e preenchem a necessidade humana de dar sentido ao mundo” (GOMES, 2019, p. 8). A publicidade é capaz de criar atmosfera, por isso, é uma tecnologia do imaginário (SILVA, J., 2012).

Para Silva, J. (2012) é a partir das tecnologias do imaginário como o cinema, a televisão, a publicidade e o jornalismo que o imaginário ganha projeção. A partir das imagens circulantes, as tecnologias do imaginário se comportam como vetores de sentidos que intervêm no cotidiano e atuam sobre os modos de ser e estar dos indivíduos. As imagens impulsionam os desejos, crenças, valores de um grupo social e, conseqüentemente, propicia o consumo, inclusive de informação. O imaginário “sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo”. (SILVA, J., 2012, p.12).

Em uma sociedade instável e fragmentada, as narrativas circulantes no ambiente digital criam laços que dão coesão social devido aos sentidos partilhados. Como tecnologia do imaginário, a rede social YouTube é um dispositivo de sedução que agrega pessoas em torno de sentidos comuns e também produz o imaginário que tende a se consolidar na sociedade. “[...] as tecnologias do imaginário buscam mais do que a informação (mitologia do jornalismo):

trabalham pela povoação do universo mental como sendo um território de sensações fundamentais. [...]”. (SILVA, J., 2012, p. 22).

Os conteúdos conspiracionistas induzem a certos estados de espírito, isto é, provocam o imaginário. Dessa forma, se “rompe com a necessidade de verossimilhança, de objetividade e de lógica instaurando outra ordem discursiva.” (SILVA, 2017). Os canais do You Tube estimulam o imaginário ao lidar com crenças e valores que modulam a instância afetiva. O ambiente digital intensifica a partilha de visões de mundo e de experiências que influenciam as práticas cotidianas. O canal *O Documentarista* é, portanto, uma tecnologia do imaginário.

2.3 Os memes como fontes de informação, desinformação e teorias da conspiração

Nesse grande fluxo de vídeos e notícias sobre a pandemia, doenças e mortes, outros mecanismos que ganham muita força atualmente e que têm poder de chamar a atenção e de disseminar informações e desinformações são os “memes”, pois eles conseguem mexer com o intelecto das pessoas, podendo causar na maioria das vezes o humor visto que esses elementos são carregados de figuras inusitadas e facilmente encaixados em todas as circunstâncias, como em um momento de crise sanitária em decorrência do vírus da Covid-19. Os memes abordam conteúdos diversos e podem potencializar a propagação de inverdades, fomentando o imaginário.

Viktor Chagas (2020) afirma que os memes vão agir como uma forma de "gene", ou seja, constituindo como um replicador, uma mensagem carregada de discursos, pensamentos, informações e até desinformações, se dividindo em duas instâncias: a primeira em (biológicas em casos dos genes) e a segunda em (culturais, no caso dos memes) propriamente dito. Desse modo, essa cultura memética vem repleta de falácias e teorias da conspiração, compreende-se então que são artificios que se apropriam de um cenário caótico e recriam sentidos.

O canal no YouTube “*Nerdologia* ⁶– *Como os memes invadem a sua mente*” o pesquisador Átila Iamarino, afirma que o meme “se constitui como um replicador, uma unidade de transmissão [...]” de um lado para outro e se espalha entre as pessoas”, que dá à luz aos mais polêmicos fragmentos de cultura que nós aprendemos e espalhamos. O termo 'meme' foi proposto por Richard Dawkins no livro "O Gene Egoísta" escrito no ano de 1976. Na obra, o

⁶ No cotidiano da sociedade. A doença chamada Nerdologia, uma análise científica da cultura nerd!

autor explica como as mesmas ideias poderiam usar o nosso cérebro para serem copiadas e transmitidas e como os nossos genes evoluem.

O apresentador do canal *Nerdologia* contrapõe Dawkins (1976) dizendo que nesse processo proposto, os memes são uma consequência direta de um sistema de repetição com modificações, como é o caso da evolução ou o canto dos pássaros. Outro exemplo para ajudar a compreender como os memes se apropriam e evoluem constantemente dentro de qualquer contexto, é na forma como aprendemos a falar ainda quando somos pequenos. O apresentador relata também que a criança para aprender a falar tem que repetir pelo menos umas seis vezes as mesmas palavras para assim, processar as informações e não esquecer. Dessa maneira, pode ser explicado que os memes atuam através de repetições e volumosos contextos que vão ficando emaranhados no inconsciente.

Os memes na cultura digital trazem consigo todos os questionamentos, causas discursivas em várias esferas da comunicação e assuntos que movimentam o dia a dia da sociedade. Desde o surgimento da pandemia e por consequência as complicações dela, que conteúdos digitais tiveram um aumento significativo não somente no YouTube como também em toda as mídias. De acordo com uma pesquisa feita em 2021 no site “Portal da Comunicação”, houve um crescimento em streaming e mídias digitais na pandemia, entre março de 2020 até meados de janeiro de 2021 conteúdos híbridos circulantes nas plataformas passou de 21,2% para 26,7% segundo o portal da comunicação⁷.

Angélica Andersen e Elena Godoy (2020, p. 186) compreendem que os memes em todo o contexto são elementos poderosos e contêm desinformação, pois eles possuem embasamentos para prender e atrair a atenção das pessoas que os assistem e compartilham tais conteúdos. O poder que eles têm de distorcer e alterar a realidade se configura como uma arma que os conspiracionistas se utilizam para criar identificação emocional nas pessoas e propiciar "likes" e "comentários". "Os memes frequentemente conseguem mais engajamento do que as narrativas nas quais se inspiraram, além disso, "[...]oferecem grande facilidade para carregar ideias e conteúdo de uma plataforma de mídia para outra".

A Covid-19 mudou a internet em vários aspectos, tanto economicamente como discursivamente e nesse meio temos os memes que são artificios carregados de informações

⁷ O portal da comunicação relata que o YouTube mostra um amplo domínio no segmento de entretenimento, bastante buscado pelos internautas e fonte de alto investimento publicitário. Site: <https://portaldacomunicacao.com.br/2021/09/pesquisa-aponta-crescimento-em-streaming-e-midias-digitais-na-pandemia/>

muito usadas e replicadas nas mídias sociais. Ton Torres (2016) explica que eles são um fenômeno carregado de minuciosas informações e práticas discursivas, pois meme geralmente é uma mensagem que transmite muita ironia e conteúdo com tom jocoso, podendo ser acompanhada por uma ou várias imagens e até mesmo vídeo, pois nesse segundo formato a disseminação é mais rápida e causa um maior efeito no sentido em quem os assiste.

Sendo intensamente compartilhado nas mais diversas plataformas de redes sociais, podemos afirmar que o momento de caos e tensão provocado pela pandemia de Sars Cov 2 foi um fator determinante para os internautas criarem e divulgar memes com sátiras, palavras distorcidas, imagens irônicas com representação de pessoas famosas e especialmente figuras políticas.

Ton Torres (2016) afirma que compartilhar vídeos, imagens e toda espécie de informação sobre a pandemia em forma de memes proporciona uma verdadeira “viralização” de conteúdo” algo que se multiplica e replica muito rápido, justamente esse engajamento buscado pelos Youtubers, canais negacionistas e conspiracionistas. Alguns desses canais utilizam “memes” para pode ganhar mais “likes” e interação, podendo se tornar algo ‘viral’ exemplificando que um vídeo sobre qualquer tema pode ser objeto e ser compartilhado na internet.

Um meme que viralizou durante a pandemia foi a imagem do vírus da Covid-19 caminhando pelas ruas e conversando com as pessoas sobre o que elas faziam nas ruas naquele momento. O vírus foi retratado como uma espécie de demônio ou ser místico, típico de crenças religiosas, desse modo a figura desse ser maligno ceifando a vida de quem aparecia na sua frente vem carregado de um teor conspiracionista e meramente indutivo para que todos fossem buscar uma igreja ou se refugiar em uma religião para salvar a vida e de todos os seus familiares.

Cleyton Carlos Torres (2017) afirma que toda a materialidade e discurso mêmico encontramos os elementos e características específicas para aqueles que buscam espalhar inverdades e causar tensão nas mídias digitais. Os memes tendem a atuar simplesmente em um ambiente que possibilite a comunicação instantânea, a conexão e a facilidade que os indivíduos encontram em diversas plataformas, possibilita uma massiva forma (multimídia) e adequação de tudo quanto for teoria, crença e politização. Conteúdo como esse vem acompanhado de diferentes elementos como vídeos, textos, áudio e até gifs ou imagens que na maioria das vezes passou por alguma manipulação devido às edições produzidas em ‘softwares’.

Nesses novos tempos de compartilhamento e replicação de conteúdos, excesso de informações, criação de memes de todas as temáticas, surge o conceito de uma nova ecologia chamada “midialivrista” (BENTES, 2016). O novo termo ganha contornos nessa época pandêmica e reflete muito a facilidade e acessibilidade que a mídia proporciona para cada pessoa. Com apenas um smartfone, é possível planejar, produzir e acessar muito conteúdo, fazendo com que “Pessoas que individualmente começam a se ver e assumir como produtores relevantes de conteúdos” (BENTES, 2016, p. 10), ocasionando uma multiplicação mais de ideias e pensamentos que podem não conter veracidade alguma. Os memes não são apenas os principais mecanismos de replicação massiva nos dispositivos, mas são os que mais prendem a atenção dos internautas por conter todos os elementos multiplicadores e viralizantes.

[...]como genes egoístas que querem se multiplicar a qualquer custo e sobreviver, mas por explicitar o potencial multiplicador e viralizante de ideias ou parte de ideias, imagens, sons, desenhos, valores estéticos e morais, línguas, que possa, ser transmitidas, duplicadas, remixadas de forma autônoma, o que não significa que são unidades fechada em si, mas que vão mudar de sentido ao serem recombinadas e produzir memes derivados, num processo de variação sem controle. (BENTES, 2016, p. 10)

Os memes por não serem unidades fechadas ou categorias de conteúdo único, vão alterando a circunstância que lhes deu origem. Assim, conteúdos relativos à pandemia são impulsionados por memes, agregando diversos significados e linguagens que atraem a atenção dos internautas.

A pandemia também é um momento para a criação de conteúdos humorísticos que, ao entreter e divertir, podem propagar desinformação. A doença que vem causando muito sofrimento torna-se um bem simbólico quando traduzida em narrativas, criando laços sociais, um verdadeiro “engajamento com a graça em tempos de desgraça” (WERNECK, 2020, p. 12). Portanto, compreende-se que diariamente, redes, como o Instagram, Facebook, Twitter e o YouTube, são locais propícios para disseminação dos memes, pois são redes sociais que possibilitam a intensa interação entre as pessoas independentemente da localidade. Por isso esses artifícios midiáticos se multiplicam rapidamente e possuem a força de atrair atenção e despertar a curiosidade.

Assim sendo, o discurso "mimético" forma uma teia de laços que contêm valores, crenças, medos, anseios e emoções. As imagens traduzem um imaginário, um estado de espírito de um grupo social. De acordo com Maffesoli (2001, p. 76) "O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo[...]". Essa ambiência é impulsionada pela tecnologia tendo

a internet como a rede que conecta e possibilita a partilha. Por isso, consideramos o YouTube uma tecnologia do imaginário (SILVA, 2012), um dispositivo que produz ambiência ao partilhar conteúdos e conectar as pessoas em torno de imagens comuns.

3 CONSPIRACIONISMO DO CANAL ‘O DOCUMENTARISTA’ NO YOUTUBE EM RELAÇÃO À PANDEMIA DA COVID -19

O presente trabalho terá como abordagem metodológica o aporte das teorias do imaginário (GOMES, 2018, 2019; MAFFESOLI, 2001, 2020; SILVA, 2012, 2017), as pesquisas bibliográfica e documental, além descrever e analisar os conteúdos dos vídeos do canal do YouTube, *O Documentarista*, a partir das discussões sobre teorias da conspiração (FOGUEL, 2021). Foram selecionados quatro vídeos categorizados como mais populares entre outubro de 2021 a 10 janeiro de 2022 que abordavam a pandemia da Covid-19.

A pesquisa bibliográfica “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde problemas ainda não se cristalizaram [...]” (MANZO, 1971, p. 32 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 44). Dessa forma, a pesquisa bibliográfica ajudar a conhecer outros trabalhos que já foram realizados em revistas, artigos e publicações com temáticas semelhantes e contextos de acordo com a presente pesquisa.

Primeiramente, com base nas reflexões dos autores buscados e estudados durante essa pesquisa identificamos os temas presentes nos quatro vídeos escolhidos publicados pelo canal no YouTube *O Documentarista: Pandemia e a Nova Ordem mundial, Pandemia e Apocalipse Zumbi, Uma nova pandemia e Novo apocalipse e Questionando os fatos*. Utilizamos um mecanismo de seleção disponível do próprio YouTube que constitui a categoria de “vídeos mais populares”. O canal é apresentado por Junior Lutero de Alcantara, um cantor gospel que se intitula jornalista documental. A partir dos temas, passamos à descrição das abordagens e recursos utilizados pelo canal nos vídeos.

Dessa maneira, identificamos que os quatro vídeos denotam uma ambiência pós-moderna (MAFFESOLI, 2012) e com teor conspiracional intensificado pelo momento de dor, medo e pânico em virtude da pandemia (BEZERRA, 2021). Constatou-se também, a presença de manipulação de imagens e títulos escritos em caixa alta fortalecendo um ponto de vista de perplexidade e perigo eminente em decorrência da infecção por coronavírus.

O número de visualizações do público é importante porque a plataforma midiática do YouTube recomenda os assuntos para mais pessoas. Assim, o engajamento e a mobilização das

postagens conspiratórias geram um retorno capital financeiro para a plataforma, devido à vasta visualização e monetização que essa hibridização gera um lucro (RÊGO, 2021).

O canal no YouTube *O Documentarista* está ativo na plataforma desde 26 de junho de 2014 e conta atualmente com mais de 2,31 milhões de inscritos. São 453 vídeos publicados na playlist, que variam entre dez a treze minutos de duração. Ao longo de mais de oito anos de existência, o canal contabiliza 56.977.744 milhões de visualizações⁸ e é apresentado pelo cantor de rap gospel e intitulado jornalista documental, Júnior Lutero de Alcantara.

O canal faz uma junção de conteúdos pseudocientíficos e escatologia bíblica, crença em religião e no livro da Bíblia como sendo um dos principais pontos de embasamentos dos vídeos do canal. Algumas temáticas são bastante corriqueiras e muitas vezes repetidas ao longo dos vídeos do canal, pois o apresentador apenas faz alterações nos títulos e na capa de chamada, sendo que o conteúdo está vinculado às últimas postagens no YouTube. Podemos observar que os assuntos abordados nos vídeos estão relacionados à crise global geopolítica, profecias de apocalipse bíblico e vigilância secreta ou grupos de pessoas poderosas que estão tramando ideias para uma nova ordem mundial. Tais assuntos se relacionam à pandemia da Covid-19.

O canal aborda os assuntos do modo sensacionalista, apelando para potencializar as emoções do internauta neste período conturbado e incerto que atravessamos. Dada à radicalidade de mudanças provocadas pela disseminação do novo coronavírus, há um clima propício à estimulação, à busca de respostas e modos de enfrentar o mal.

A cibercultura, isto é, as práticas sociais emergentes do ambiente digital, tornou possível a circulação de informações de forma capilarizada, escapando aos modelos tradicionais hierarquizados, distintivos, racionais e utilitários. Trata-se de novas formas de sociabilidade que modificam os processos de subjetivação e a própria percepção da realidade, outrora eminentemente calcada nos fatos. (GOMES, 2019, p. 9-10).

A abordagem sensacionalista, mistura conteúdos que não têm comprovação científica ou em fatos, e é intensificada na internet com o uso de imagens e informações nem sempre verificáveis. As pessoas não conseguem discernir o que é verídico ou não. No regime contemporâneo da imagem, é difícil objetivar a informação. O tempo real transforma a verdade em uma escala de verossimilhança, substituindo o tempo histórico (BAUDRILLARD, 2011), calcado na realidade dos fatos. As imagens impactam e se sucedem, pouco importando se são

⁸ Dados coletados em 5 de janeiro de 2022.

verdadeiras ou não. O essencial é o que se anuncia, as sensações que despertam e, conseqüentemente, o número de visualizações que o canal alcança.

O Documentarista lança vídeos de forma regular, chegando a duas postagens na mesma semana, o que torna o canal sempre ativo e atualizado no conteúdo. Uma das principais características do canal *O Documentarista* são os formatos das capas de chamada dos vídeos, possuindo elementos visuais com artes elaboradas e títulos em caixa alta para então mostrar o assunto em destaque que será apresentado.

3.1 A PANDEMIA E A NOVA ORDEM MUNDIAL

A primeira categoria de vídeos selecionados do canal entre os mais populares na plataforma tem como título “O Grande RESET MUNDIAL em 2021 – Entenda Tudo”! O vídeo possui 160.172 mil visualizações⁹ com uma duração de 10 minutos e 41 segundos. Logo de início, o apresentador Júnior Lutero contextualiza um parâmetro mundial que devido à pandemia de Covid-19, grupos poderosos que formam um “corpo não eleito de burocratas globais”, estariam reunidos no Fórum Econômico Mundial para traçar as diretrizes de controle para o ano de 2021, supondo ser um grupo ou uma pessoa no poder totalizante para controlar e unificar todo o globo terrestre. Noção abordada por Israel (FOGUEL, 2021), de que uma conspiração somente existe se alguém ou um grupo poderoso esteja por detrás de grandes eventos que poderiam desencadear uma catástrofe global, conforme observamos na imagem a seguir.

⁹ Dados obtidos em 08 de janeiro de 2022.

Figura 1 – Vídeo “O grande reset mundial”



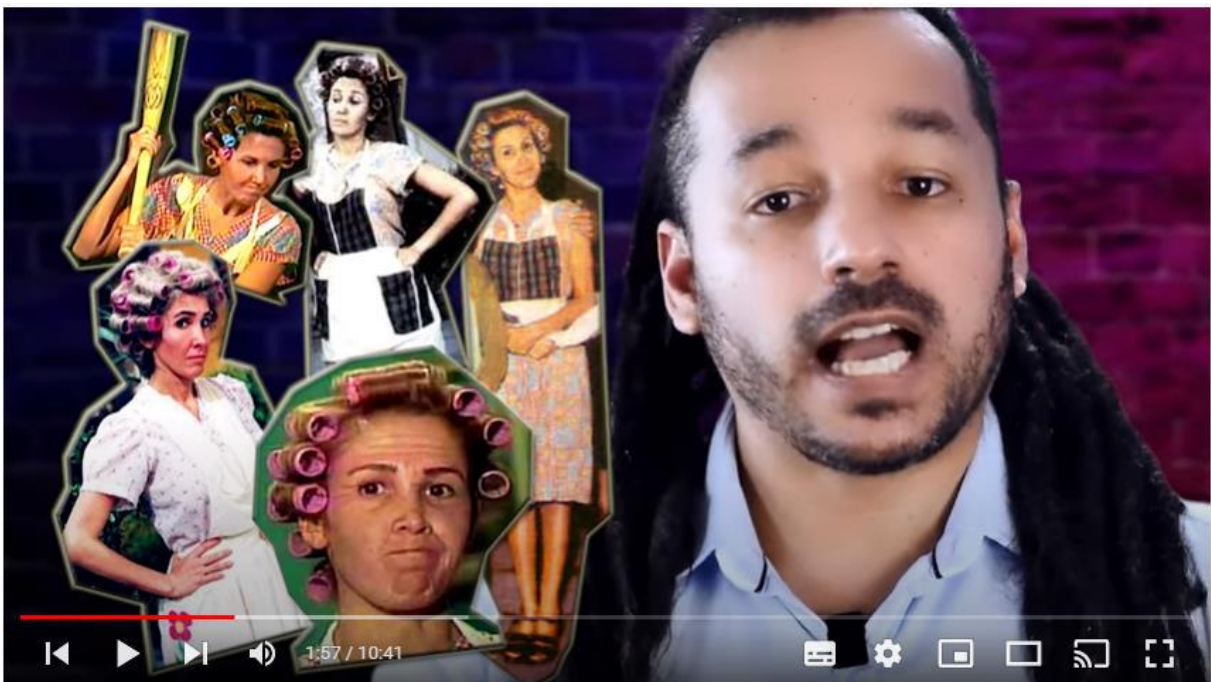
Fonte: Captura de tela do YouTube.

A partir dos primeiros minutos do vídeo, podemos observar as formas das imagens utilizadas pelo apresentador. O vídeo utiliza fonte em caixa alta e logo desperta o medo e a curiosidade, como também uma faixa vertical vermelha em sinal de alerta. O conteúdo sinaliza o perigo extremo que estaríamos correndo devido a esse grupo reunido na Suíça debatendo sobre o globalismo da elite, uma nova sociedade que teria sido instaurada em janeiro de 2021. O planeta Terra fica no centro das imagens, pois desse modo todo o mundo estaria prestes a vivenciar essa nova realidade que seria implantada por esses organizadores mundiais. O perfil de um homem com uma expressão autoritária com o punho cerrado para o alto reforça a crença de uma pessoa que irá controlar tudo e já possui os planos traçados desde o surgimento da Covid-19.

Com o avançar do vídeo, podemos notar o olhar fixo do apresentador como uma forma de transmitir ou relatar algo que vai afetar profundamente a todos, procurando intimidar o internauta. De acordo com Júnior Lutero, o Fórum Econômico Mundial estaria disposto a dar esse “start” de uma reinicialização do mundo, mas para esse plano do grupo autoritário dar certo, estaria dependendo apenas de um grande evento que abalasse as estruturas de toda a sociedade, ou seja, essa grande catástrofe mundial. A pandemia é o evento propício para as especulações. Dessa forma, podemos observar uma narrativa de perplexidade pronunciada pelo canal *O Documentarista*, procurando estimular uma verdadeira “coronofobia” (ARORA, 2020), termo usado para exemplificar o estado de pavor coletivo e exagero de emoções.

Em seguida, observamos uma comparação com tom irônico e bem informal do apresentador, quando o mesmo utiliza uma série de televisão humorística mexicana chamada “Chaves” para poder comparar como o mundo iria ficar logo após esse grande reset proposto e implantado pelos poderosos. A figura 2, mostra como seria esse novo modelo do mundo pós-reset, sendo baseado a partir dos personagens.

Figura 2 – Série de humor como exemplo de modelo para o novo mundo



Fonte: Captura de tela do YouTube

Cada personagem, que é descrito durante os minutos do canal, tem uma comparação de acordo com um país ou classe dentro de uma esfera política global:

Onde os Estados Unidos seria a Dona Florinda, dizendo que não se mistura com gentalha, a China como o seu Madruga que apanha e não paga o aluguel, mas continua sempre de pé, a Rússia como a Chiquinha que só quer mesmo ver o circo pegando fogo, a União Europeia como a Bruxa do 71 apaixonada pelo Seu Madruga, os países árabes como o Kiko que amam ostentar o que pensam ter, e o Brasil como o Chaves que mesmo sendo um dos principais personagens, acaba sendo o mais pobre no sentido geopolítico. Os globalistas da Elite mundial fariam o papel do seu Barriga para cobrar o aluguel de todos (O DOCUMENTARISTA).

Assim, o apresentador termina dizendo que conseguiu explicar um pouco o contexto que ele próprio criou de comparar como o mundo vai ser logo após o controle do grupo da elite mundial. Nesse grande fluxo informacional, de comparação, relação de imagens de um

determinado contexto que nada tem a ver com o do assunto do vídeo, fica evidente a forte presença dos chamados “memes”, pois de acordo com Ton Torres (2016), eles são um fenômeno carregado de minuciosas informações e práticas discursivas que transmitem muita ironia e conteúdo com tom jocoso, distorcendo a realidade.

Outra parte que chama a atenção, é mais uma maneira como o assunto do Fórum Econômico Mundial é tratado no vídeo, quando Júnior Lutero utiliza a representação do vírus da Covid-19 como super-herói e vilão ao mesmo tempo, causando certa confusão, como pode ser notado na figura 3, mais uma “meme” sendo colocado para uma exemplificação desse novo ‘start’ do mundo apresentado até o momento.

Figura 3 – Coronavírus toma forma de super-herói



Fonte: Captura de tela do YouTube

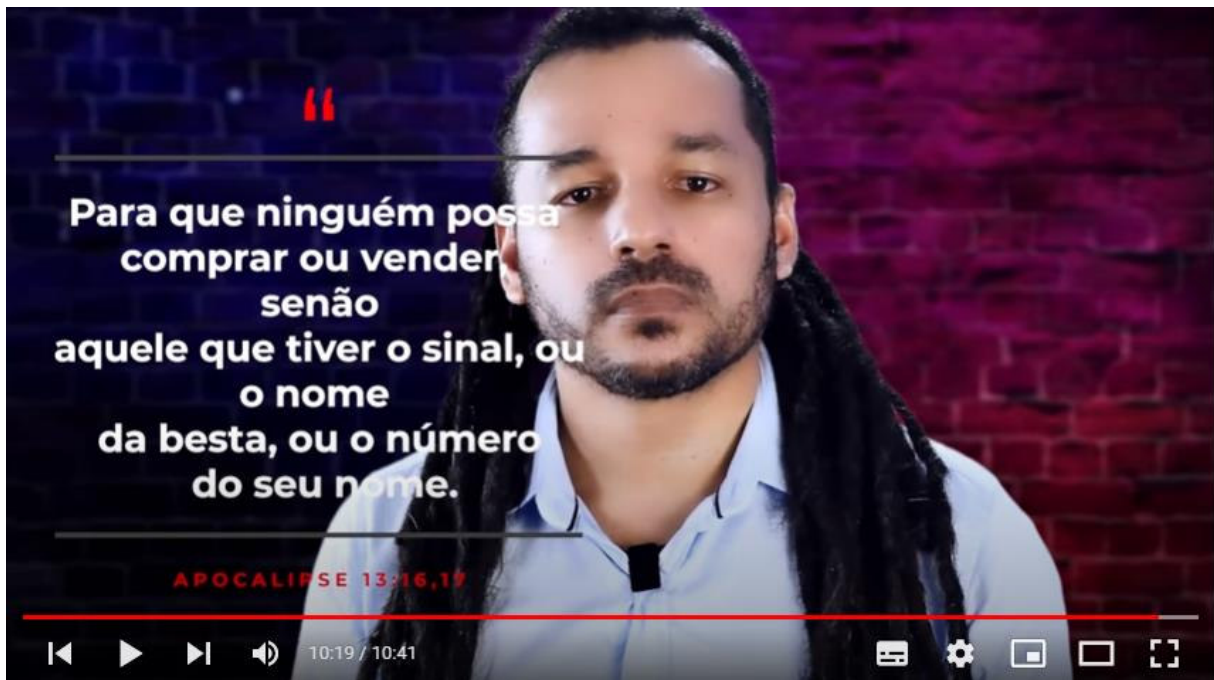
Conforme o canal *O Documentarista*, o Fórum Econômico Mundial relatou que o coronavírus teria ganhado um novo nome sendo chamado de “Coronavírus Colorado” personagem fictício de um super-herói criado no México:

Sem ter por onde começar o Fórum Econômico Mundial perguntou e agora quem poderá nos defender? Aí apareceu um bichinho lá da China Respondendo como ‘chapolin’ Eu! E aí o pessoal do Fórum exclamou o coronavírus colorado, com a chegada da pandemia o fórum teve uma desculpa perfeita para implementar rapidamente sua visão de conduzir a sociedade em

direção a um futuro tecnocrático mais intensivo e intrusivo em nome do serviço do bem (O DOCUMENTARISTA).

Para terminar o vídeo, o apresentador Júnior Lutero reforça a visão teórica conspiratória com uma expressão irônica, e falando diretamente para a câmera, “Tá sentindo? É isso tem cheiro de Apocalipse 13 de possível evidencia escatológica comprovando a Bíblia” (O DOCUMENTARISTA) que todos esses planos do fórum, sobre essa nova organização do mundo economicamente “reset”, é um conceito já estabelecido e abordado no último livro da Bíblia sagrada que narra como serão os últimos tempos da civilização humana aqui na terra.

Figura 4 – Livro da bíblia como fonte de embasamento teórico pelo canal



Fonte: Captura de tela do YouTube

Por fim, Jorge, Melo e Nunes (2020, p. 587) nos mostram que “A perplexidade desencadeia, no que lhe concerne, às crenças delirantes que pretendem dar sentido ao real sem sentido” apresentado pelo canal, dando na maioria das vezes credibilidade a vertentes escatológicas e ignorando os fatos comprovados cientificamente. A lógica do sentir, evocada pelo apresentador, superpõe-se à racionalidade. Afinal, recorrer à Bíblia seria uma expressão de fé, e os eventos anunciados parecem fazer parte da realidade, dada a radicalidade da pandemia.

Percebemos também o apelo à linguagem informacional quando o título faz referência à “reset”, isto é, reiniciar um aparelho porque não estava funcionando bem. O modelo informático fundamenta a sociedade contemporânea, que busca o cálculo e a digitalização em todas as esferas. Enquanto o modelo mecânico predominou na modernidade, a informática procura traduzir a vida, como se tudo fosse redutível ao digital. A própria estratégia do canal de apresentar imagens de contextos diferentes traduz uma realidade editável, em que tudo poderia fazer sentido.

3.2 Pandemia e apocalipse zumbi

O segundo vídeo escolhido para análise, dentro da categoria de mais populares do canal, tem como título “Surge Nova Doença e o Pentágono se prepara para APOCALIPSE ZUMBI”, publicado em 05 de abril de 2021, já possui 413. 317 mil visualizações¹⁰. O vídeo é um dos mais populares dentro da playlist do *O Documentarista*, com uma ilustração que atrai a atenção e procura suscitar emoções fazendo analogia com os zumbis, isto é, o corpo de pessoas mortas. O vírus do Covid-19 é uma possível mutação bizarra que transformará a população em zumbi, como pode ser observado na ilustração de capa do vídeo na figura 5.

Figura 5 – Capa do vídeo em referência ao Apocalipse Zumbi



Fonte: Captura de tela do YouTube

Nos primeiros minutos de exibição do vídeo, o apresentador Júnior faz um destaque alarmante de que cientistas estão preocupados com uma nova doença infecciosa que está

¹⁰ Dados obtidos no YouTube em 09 de janeiro de 2022.

contaminando o Canadá. O vírus seria uma espécie de mutação do Sars-Cov 2 e estaria atingindo o cérebro de quem foi contaminado por esse agente, e que o Pentágono já estaria com sinal de alerta para um verdadeiro Apocalipse Zumbi. Sem qualquer fundamentação científica ou factual, o apresentador relaciona a possibilidade de mutação do vírus com algo inexistente; os zumbis. O cérebro seria o alvo do vírus. Mais uma vez, o vídeo apela ao modelo informático, sendo o cérebro sua expressão. O órgão seria a imagem do domínio das emoções pela racionalidade, a mesma lógica do modelo digital. “Nossas sociedades contemporâneas fornecem uma formidável extensão a essas técnicas de gestão do humor e da vigilância. Favorece a esse respeito o desenvolvimento de um imaginário da onipotência sobre si amplamente empregado pelos indivíduos”. (LE BRETON, 2016, p. 56).

Vale a pena destacar um trecho do vídeo que deixa claro que o assunto que vai ser abordado foi uma escolha pedida pelos fãs do canal, ficando mais evidente que houve uma falta de aprofundamento de informações baseadas em fatos ou comprovadas cientificamente. O tom alarmista, parte da realidade e mistura ficção com o objetivo de atrair a atenção do internauta.

Não se trata de um alarmismo barato, apenas eu quero compartilhar a informação com vocês que inclusive foi indicado como tema pelos próprios inscritos no canal, que nos comentários pediram para que eu abordasse essa nova doença que está surgindo no Canadá e que tá deixando muitas pessoas da classe científicas preocupadas e detalhe, o pentágono já está se preparando para um possível Apocalipse Zumbi, mas isso seria possível (O DOCUMENTARISTA).

O ambiente caótico promovido pela pandemia é favorável a especulações. O fenômeno radical que matou milhões de pessoas, mudou drasticamente a vida e suscita diversas tentativas de explicações.

A cibercultura transforma as relações entre os saberes tradicionais. O ambiente digital dismantela a hierarquia do conhecimento, justapondo senso comum e informação especializada, pesquisa científica e práticas caseiras, pensamento científico e transcendência sincrética, além de aconselhamentos de toda ordem. Institui-se um novo regime de discurso em que o conhecimento científico tende a perder o protagonismo, convivendo com outras ordens de saberes. (GOMES, 2019, p. 12).

Logo após a introdução do vídeo e de fazer as colocações de escolha do tema, Júnior Lutero apresenta uma captura de tela de um site como possível fonte de informação para embasar o ataque de apocalipse zumbi que o mundo vai passar depois dessa descoberta. Também é mostrado apenas um título sobre a situação, mas que não contém nenhuma fonte ou

referência para a informação. Portanto, o vídeo divulga apenas especulações e conteúdo alarmista, partindo da abordagem sobre a pandemia.

Figura 6 – Site de notícia sobre o possível apocalipse zumbi



Fonte: Captura de tela do YouTube

Em todo o momento de exibição, nota-se que o apresentador mostra confiança com determinados sites e fontes que ele busca, dando ênfase que essa doença já estaria acontecendo e que em algum momento acarretará complicações para todos. O tom de suas explicações procura a todo o momento passar credibilidade. Aos 2 minutos 21 segundos, *O Documentarista* apresenta outro site que possui a mesma informação. Nesse momento, o apresentador fala e mostra a fonte de um canal brasileiro chamado “Canaltech” um site sobre tecnologias e jogos eletrônicos e aparelhos móveis. Podemos evidenciar mais uma fonte que não tem credibilidade científica, mas apenas mais um dos muitos replicadores de informações descontextualizadas presentes nesse vasto ambiente digital, pois “[...]consumimos a informação que, de alguma maneira, nos afeta “[...] responde aos nossos interesses pragmáticos e imediatos [...]” (GOMES, 2018, p. 497).

A nova doença descrita, simplesmente é uma variante da Covid-19, que logo começou a se espalhar pelo mundo, tendo início no Canadá, mas que não tem nada a ver com a transformação em zumbi em quem a contraísse. Esse recurso se configura como uma mistura entre realidade e ficção como observamos em filmes e é um dos ingredientes das teorias da conspiração (ALBUQUERQUE; QUINAN, 2019).

Outra parte mais adiante do vídeo, Júnior Lutero faz menção à série de terror “The Walking Dead”, que aborda ataques de zumbis à Terra. O apresentador pergunta se os seguidores conhecem a série, procurando dar credibilidade ao que afirma. Como se na ficção fosse possível acontecer o apocalipse zumbi, também seria possível acontecer na realidade. Albuquerque e Quinan (2019) confirmam que essa comparação de filmes cinematográficos com o mundo real leva à proliferação e disseminação de teorias conspiratórias presentes justamente no *O Documentarista*.

Na metade para o final do vídeo, observa-se mais um ponto da escatologia bíblica sendo utilizado como referência. Mesmo tentando mostrar que ele não acredita fielmente na bíblia, seu modo de falar e a todo o momento citando trechos do livro de apocalipse, deixa bastante clara a fonte de suas afirmações, presente em quase todos de seus vídeos. No trecho o apresentador fala que:

Algumas pessoas fazem ligações com profecias bíblicas e etc e tal, só que eu já falei teologicamente aqui que isso não tem muito fundamento “[...], no entanto a gente não pode negar a possibilidade escatologicamente falando, né se tratando aqui de questões bíblicas “[...] se o Apocalipse se o juízo final promete na bíblia um cenário caótico e catastrófico com todos os tipos de atrocidades com todo tipo de tragédia natural, porque não pensar na possibilidade de um tipo de patógeno transformar as pessoas em uns verdadeiros mortos-vivos (O DOCUMENTARISTA).

3.3 Uma nova pandemia e novo apocalipse

O terceiro vídeo que escolhemos e que está entre os mais populares do canal *O Documentarista* tem como título “NOVA DOENÇA pior que a COVID surge na ÍNDIA e VAI SE TORNAR UMA nova PANDEMIA!”, publicado no dia 21 de maio 2021 possuindo 136.798 mil visualizações e mais de 1.500 comentários, de acordo com dados coletados em 9 de janeiro de 2022. Ressaltando o modelo de escrita do título com alternâncias entre fontes maiúsculas e minúsculas, como uma forma de dar ênfase e destaque para as partes mais apresentadas e abordadas no decorrer do vídeo.

Podemos analisar o início do título quando o apresentador do canal coloca em maiúsculas “nova doença” para atrair a atenção, soando como um alerta de eminente perigo que vai devastar o mundo. Dessa maneira, o impacto de colocar um título em caixa alta remete a um poder de persuasão para convencer e introduzir uma teoria ou um ponto de vista, para

chamar a atenção do outro (MENDES, 2020). É um recurso sensacionalista que visa atrair o olhar, emocionar, inibindo os recursos lógicos.

Ainda nesse ponto colocado por Mendes (2020), observamos as palavras “covid e vai se tornar uma” que aparecem diante do título e expressam a maneira como essa doença vai se espalhar e se alastrar no meio da sociedade. Assim, o canal objetiva criar um clima de tensão e pânico, estimulando um imaginário do risco. Na contemporaneidade, o indivíduo deve se responsabilizar pela gestão de si. A mídia divulga aconselhamentos para a administração da saúde. A pandemia, no entanto, mostra a indeterminação da natureza. “Não apenas o comportamento e a vontade são passíveis de controle, mas o ambiente que cerca o sujeito tende a se tornar fator de risco.” (GOMES, 2018, p. 498).

Na figura 7, fica evidente o tom de alerta e apreensão que o vídeo proporciona, com palavras e o formato da imagem de uma pessoa em situação de extrema angústia e perplexidade. De acordo com Baptista (2020, p. 45) “[...] símbolos linguísticos ou visuais, influenciam o pensamento do destinatário”, pois quanto mais chamativo ou ilustrado o conteúdo tiver, mais despertará sensações e sentimentos de dor, como podemos ver no modo de capa elaborado pelo canal.

Figura 7 – Capa de chamada sobre nova doença pior que Covid -19



Fonte: Captura de tela do YouTube

Outro ponto ainda de destaque na capa do vídeo está na frase “mata 50% dos pacientes, pior que a covid-19”. A afirmação revela uma ameaça que tende a atemorizar ainda mais os internautas, já que a Covid matou milhões de pessoas, e a nova doença iria piorar a situação.

Na parte introdutória de exibição do vídeo, é possível perceber uma trilha sonora de fundo que transmite uma sensação de pânico por essa doença anunciada como sendo 50% mais letal do que a Covid-19. As expressões faciais e o olhar fixo atento do apresentador dramatizam a afirmação. Nos primeiros segundos de exibição, é citada a localidade que começou essa nova e devastadora doença com alta taxa de letalidade. Estimulando um clima de medo e curiosidade, Júnior Lutero afirma “E se algo não for feito rapidamente, pode se tornar uma nova pandemia!”.

Ainda no início do assunto abordado no vídeo aos cinquenta e três segundos, o apresentador novamente introduz a tese da crença de um possível sinal da Bíblia prevendo um apocalipse de fim dos tempos ou de ataque de zumbis. Em outro momento, notamos que supostas profecias ou previsões estão prestes a acontecer. Júnior Lutero faz um questionamento com uma postura aparentemente reflexiva, trazendo associação da pandemia com essa suposta doença que vai dizimando em massa todos os contaminados com o suposto novo vírus.

A fala proferida que “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come, o que tem de acontecer vai acontecer e pronto e acabou”, demonstra uma visão de alarmismo e de pensamentos conspiratórios presentes em quase todo o momento. A recorrência a um ditado popular bem conhecido, afirma que não há saída e de qualquer forma, seremos atingidos. A doença tratada no vídeo é chamada “fungo negro” ou “Mucormicose” que inicialmente surgiu na Índia, segundo o Ministério da Saúde, a doença fúngica tem relação com pessoas que sofrem de doenças autoimunes, imunossuprimidos ou que estão em recuperação da Covid-19, por estes terem usado medicações durante o tratamento de internação proveniente de suas contaminações.

Em diante, podemos comprovar uma distorção de informação reportada no vídeo quando *O Documentarista* explica como ocorre a transmissão dessa doença contagiosa pior do que a Covid-19. Júnior Lutero explica que a contaminação desse fungo “pode ser transmitida no solo, através do ar, através do contato com o nariz, dos olhos enfim a transmissão é tão fácil quanto a da Covid-19”.

Mas conforme o Ministério da Saúde em uma publicação sobre Mucormicose (Fungo Negro),

Não há transmissão de mucormicose entre seres humanos e nem de animais para seres humanos. Os principais meios de contaminação são: i.) inalação de esporos das fontes ambientais, ii.) por via cutânea ou mucosa, quando há ruptura da barreira da pele ou da mucosa por ferida, por trauma ou grandes queimaduras e iii.) por via digestiva com a ingestão de produtos contaminados (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

A distorção e confusão de informações que aparecem não somente no vídeo, mas em muitos outros canais conspiracionistas e negacionistas, evidenciam o que já foi abordado como as “infodemias” sendo “[...] teorias e especulações, no mínimo surpreendentes, para preencher as lacunas de falta de informações” (ANDERSEN; GODOY, 2020, p. 185), ou simplesmente buscadas em sites, ou páginas que não têm uma profundidade científica para tratar do assunto, conforme podemos observar na figura 8.

Figura 8 – Site Tecmundo especializado em notícias sobre tecnologia



Fonte: Captura de tela do YouTube

Diante disso, fica bastante evidente que o canal *O Documentarista* coloca constantemente notícias de sites não específicos na área da saúde ou que simplesmente são portais que reproduzem notícias de outros meios, mas distorce o contexto de acordo com seus próprios interesses.

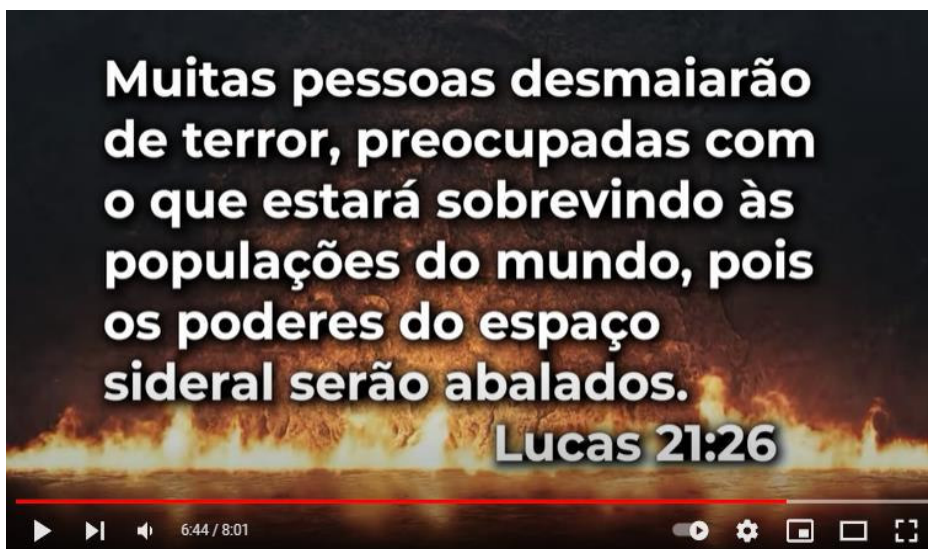
Em outra parte do vídeo aos 6 minutos e vinte e sete segundos, Júnior Lutero apresenta mais um momento de reflexão no vídeo, depois de já ter contextualizado a doença e de demonstrar quais as fontes de informações que ele busca para embasar os conteúdos. Observamos novamente o lado conspiracionista no trecho: “Nós vemos ai, muitas evidências de que muitas coisas descritas na Bíblia estão se cumprindo diante dos nossos olhos”. Mais adiante, observamos uma parte de escatologia e de crença sendo reportado para embasar as teorias e relacionar com a pandemia de Covid-19.

Para tentar comprovar o seu ponto de vista, é mostrada uma passagem do livro de Lucas da Bíblia, servindo como uma fonte fiel ou verídica de afirmação. Para Júnior, a amostra retirada teria profetizado todos esses momentos de instabilidade e de caos em que o mundo está passando. Diante disso, temos mais uma evidente exposição de que na maioria dos assuntos

abordados no canal, não há evidências científicas ou o fato é distorcido e descontextualizado para se misturar a interpretações da Bíblia. A ideia de fim do mundo, do terror instaurado e o fogo consumindo tudo tende a amedrontar as pessoas, evocando mais ainda o medo já instaurado pela pandemia.

Como podemos observar essa nova reprodução de uma passagem retirada do livro da Bíblia descrita pelo apresentador:

Figura 9 – Texto bíblico como referência da nova doença



Fonte: Captura de tela do YouTube

Diante essa exibição do livro apresentado, Júnior Lutero novamente começa a fazer um questionamento com os inscritos do canal “Será que nós estamos vivendo esse momento profetizado pela Bíblia, particularmente eu acredito que sim. Se não for exatamente o momento, é um bom ensaio, ou seja, se isso não for de fato o “Apocalipse” o que vem por aí é cem vezes pior” (O DOCUMENTARISTA). Para finalizar, notamos claramente sua fala com uma expressão de provocar angústia e tensão nos internautas, como uma certeza profética, alarmista, suscitando o pânico e a conspiração de que algo muito ruim ainda está por vir, características elencadas por Foguel (2021).

3.4 Questionando os fatos

O último vídeo escolhido para analisar do canal *O Documentarista* tem como título “ESTRANHO DEMAIS: CRIADORA da AZTRAZENICA sem querer ENTREGA o

PLANO!¹¹”. Publicado em 6 de dezembro de 2021, possui até o momento 179. 478 mil visualizações, dados consultados em 12 de janeiro de 2022. Mesmo estando recente desde sua publicação na plataforma do YouTube, o vídeo já figura na categoria dos mais populares.

Nos minutos introdutórios, Júnior Lutero deixa claro que o vídeo será produzido de uma maneira diferente do que ele tem feito, quando o mesmo manifesta um posicionamento de autocrítica e reflexão com os internautas. O apresentador alerta: “Depois desse vídeo, acredito que muitos vão chegar ao ponto de me chamar de conspiracionista apenas por questionar algumas coisas que estão sendo apresentadas”. Na sequência, um clima de tensão e reflexão toma conta do apresentador. Como se o apresentador fosse uma pessoa privilegiada, portadora da verdade, que consegue compreender os fenômenos enquanto a maioria não acredita.

Em outro momento, demonstrando seu ponto de vista e um posicionamento firme, Júnior Lutero questiona veemente a maneira que algumas pesquisas desenvolvidas por doutores e cientistas:

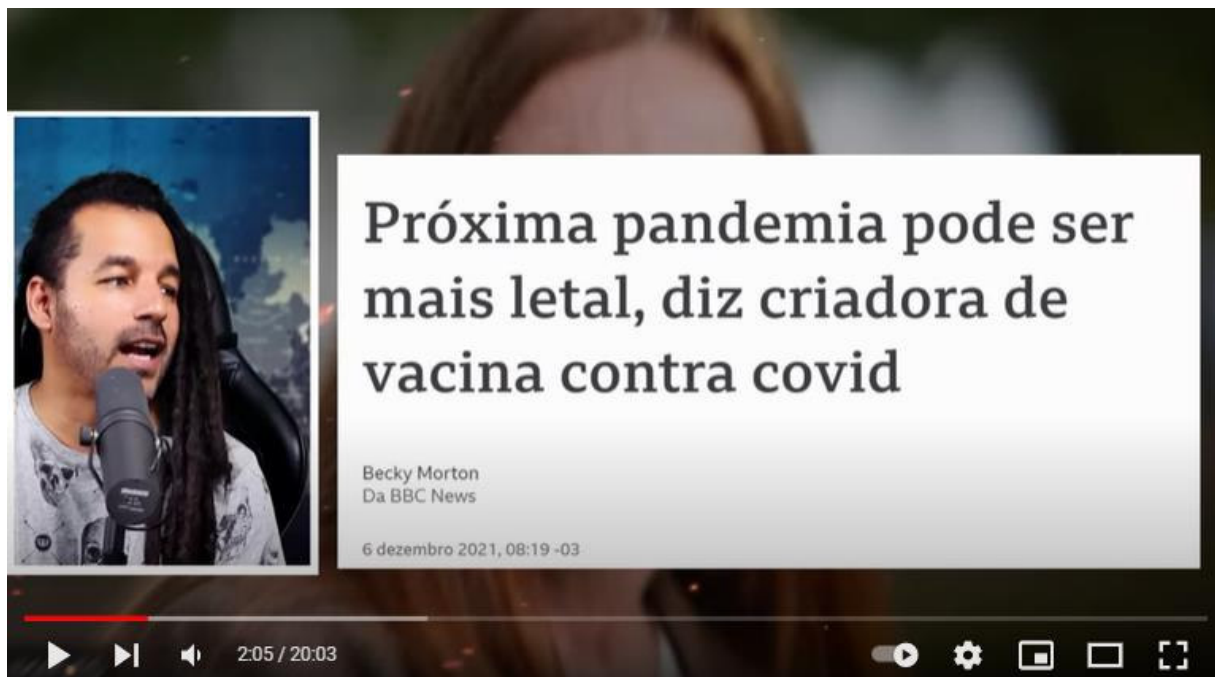
Na figura 10 é exibida uma matéria divulgada pela BBC News em 6 de dezembro de 2021. A questão abordada na notícia é a fala de “Sarah Gilbert”¹² uma das criadoras da vacina “Oxford-AstraZenica¹³”, alertando com estudos científicos que uma próxima pandemia pode ocasionar mais danos à sociedade. Ainda sobre a matéria mencionada, a cientista faz um balanço sobre a nova variante “Ômicron” que se espalha rapidamente pelo Brasil e por todo o mundo.

Figura 10 – Questionamento científico

¹¹ ESTRANHO DEMAIS: CRIADORA da AZTRAZENICA sem querer ENTREGA o PLANO!. Youtube, 2021. 1 vídeo (20). Publicado pelo O Documentarista. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_P-0HuEioOE&ab_channel=ODocumentarista. Acesso em: 9 jan. 2022.

¹² Sarah Gilbert, especialista e professora de vacinologia na Universidade de Oxford. Gilbert é especializado no desenvolvimento de vacinas contra o vírus influenza e patógenos virais emergentes.

¹³ Oxford-AstraZenica, é uma vacina contra COVID-19 desenvolvida pela equipe do Instituto Jenner da Universidade de Oxford, no Reino Unido, em parceria com o conglomerado farmacêutico anglo-sueco Astrazeneca.



Fonte: Captura de tela do YouTube

A notícia divulgada pela BBC News e também em outros meios da imprensa brasileira foi utilizada pelo canal de forma descontextualizada e de modo a reiterar as afirmações do apresentador. Em seguida, ele indaga “Só pelo título, não acende aí um questionamento? Assim, algumas afirmações, alguns questionamentos, algumas argumentações até aceito de algumas pessoas, de outras eu já fico com o pé atrás” (O DOCUMENTARISTA). De acordo com Lutero, as afirmações e estudos realizados pela cientista não são tão eficazes e confiáveis para demonstrar a situação que o mundo está vivenciando atualmente. Com esse teor e argumentos, o apresentador procura descredibilizar a ciência, como se as pesquisas pudessem responder de modo rápido e satisfatório a todos os fenômenos.

Em seguida aos sete minutos e cinquenta e oito segundos, Lutero deixa clara sua visão pessimista e contraditória sobre o estudo feito e apresentado pela cientista desenvolvedora de uma das vacinas da Covid-19. O apresentador questiona e coloca em xeque mais uma vez a ciência: “Então pra mim, eu já fico com pé atrás quando a criadora do remedinho chega falando, nós precisamos de mais financiamento aqui” logo depois em tom irônico, ele diz “Você já colocou o cérebro para pensar um pouquinho? Eu posso estar sendo muito malicioso, é uma possibilidade eu não sou o dono da razão, não sou nenhum santinho” (O DOCUMENTARISTA). Com tal afirmação, Lutero faz o questionamento, mas procura se esquivar da responsabilidade sobre sua fala: “Eu não sou o dono da razão”, colocando-se de

forma mais igualitária aos internautas e não como uma autoridade no assunto, a exemplo da pesquisadora.

Por fim, outro trecho de destaque do vídeo acontece quando o apresentador levanta mais uma questão polêmica, misturando a pandemia com a política:

Ora meus amigos, essa pandemia foi completamente politizada de ambos os lados, tanto por aqueles que se dizem de direita quanto por aqueles que se são da esquerda. Me desculpem a expressão imunda e nojenta. Tem muita gente centrada no campo progressista, eu respeito muito essas pessoas, mas aquela esquerda nojenta “[...] eu não respeito de forma nenhuma [...] assim como também não respeito aqueles que são de direita e são lambedores de chão de político (O DOCUMENTARISTA).

Podemos de certa forma notar a maneira informal utilizada durante o trecho do vídeo, mas posicionando-se claramente contra a chamada esquerda brasileira. É importante ressaltar que a política de extrema direita do presidente Jair Bolsonaro praticou uma política de morte ou o que Mbembe denominou de necropolítica (2020).

O governo federal foi contra as medidas sanitárias preconizadas pela Organização Mundial de Saúde, promoveu aglomerações e remédios sem comprovação científica, não teve um gerenciamento eficaz da saúde e adiou a vacinação no país. Bolsonaro teve ações deliberadas para disseminar o coronavírus sob o pretexto da retomada econômica. (CEPEDISA; CONECTAS, 2021). Ao criticar a esquerda sem base alguma, o apresentador incita o ódio e a polarização, pregando o desrespeito ao mesmo tempo em que se alinha aos posicionamentos negacionistas do presidente. O desprezo à ciência, a mistura de política e religião na pandemia e os conteúdos conspiratórios estão presentes em ambos.

CONCLUSÃO

A pesquisa evidencia o teor conspiratório nos quatro vídeos analisados em *O Documentarista*. O canal tem um apelo sensacionalista, mistura fatos e ficção, e apela para uma possível explicação e alerta que somente o apresentador poderia dar ao público. Afinal, mesmo “não sendo o dono da razão”, como afirmou em um dos vídeos, Lutero se coloca como alguém que é privilegiado que consegue perceber e revelar a conspiração que está se formando para manipular a todos.

É importante ressaltar que Lutero se diz jornalista, apesar de não haver evidências de que ele tenha o registro e nem os conteúdos são abordados da forma como o processo de produção da notícia exige. O nome *O Documentarista* procura ser uma fonte confiável para os internautas, afinal, documentar seria registrar a realidade, ter base nos fatos, portanto. O conteúdo apresentado carece de apuração, haja vista que se mostra característico das teorias conspiratórias (FOGUEL, 2021).

O regime de verdade contemporâneo é embasado em opiniões e no testemunho (VAN ZOONEN, 2012; SACRAMENTO, 2018), ao invés das verdades sustentadas pelas instituições, como acontecia na modernidade. As redes sociais digitais, como o YouTube, é um espaço propício para a circulação de informações em que conteúdos de toda a ordem se misturam. O conhecimento é posto em xeque, visto que não há mais uma hierarquia na disposição dos materiais.

Como ressaltava Maffesoli (2014), a internet é um ambiente predominantemente emocional, em que as pessoas procuram identificação, sem se importar com a logicidade do que está sendo dito. Os laços são fluídos, e os internautas se sentem fazendo parte de uma comunidade de ideias. O canal é vetor do imaginário sobre a pandemia, modulando afetos, valores, desejos e comportamentos, por isso, é uma tecnologia do imaginário (SILVA, J., 2012). Não se trata de manipular, mas sobretudo seduzir o internauta para dar likes. A lógica do “curtir” prevalece em nossa sociedade. “O like é o signo, sim, o analgésico do presente. Ele domina não apenas as mídias sociais, mas todas as esferas da cultura. [...]”. (HAN, 2021, p. 14).

Assim, os vídeos do canal ganham visibilidade devido ao contexto da pandemia que abala não apenas a saúde das pessoas, mas a conjuntura social e estimula o imaginário. Esse cenário apocalíptico desencadeado pela Covid-19 torna mais indistintas a realidade e a ficção, sendo um ambiente propício a toda forma de especulação.

Podemos presenciar os temas sobre política, apocalipse zumbi, previsões de fim do mundo que foi constantemente abordado nos vídeos em análise. Com uma forte ligação e crença religiosa, o canal *O Documentarista* utiliza a Bíblia para embasar suas teorias de um possível fim do mundo apocalíptico. O próprio nome do apresentador, Lutero Júnior, possui relação com a religião protestante, como se tivesse filiação com o ícone da reforma, Martinho Lutero.

Verificamos que o apresentador lança diversos questionamentos sobre matérias jornalísticas e põe a ciência em dúvida. Há sempre algo por trás a ser desvendado e explicado, o que caracteriza o conteúdo conspiratório. *O Documentarista* contribui assim para a infodemia que confunde e dificulta a tomada de decisão das pessoas.

O canal é um ponto de conexão dos internautas sobre o tema. O apelo é eminentemente emocional e sensacionalista, atraindo a atenção como forma de monetizar o canal. Em tempos de imagens digitais editáveis, o tempo histórico perde a importância, em detrimento do tempo real e da possibilidade de se contar uma história da maneira que se quer. Tende a se perder o vínculo com a realidade porque o impacto que a narrativa pode causar importa mais do que a veracidade do conteúdo.

Observamos, portanto, a modulação do imaginário sobre a pandemia, a partir de crenças conspiratórias, apelo religioso e conteúdo ficcional que os vídeos apresentam. Ainda que pareçam absurdas as afirmações, elas preenchem a necessidade de dar sentido ao mundo e responder às inquietações das pessoas, principalmente em tempos pandêmicos e de grande turbulência. Esperamos que este trabalho contribua para uma reflexão sobre os conteúdos divulgados nas redes digitais e possa estimular outras pesquisas sobre teorias conspiratórias e comunicação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso de; QUINAN, Rodrigo. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “Professor Terra Plana”. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 83-104, 2019.

ANDERSEN, Angélica; GODOY, Elena. Infodemia em tempos de pandemia: batalhas invisíveis com baixas imensuráveis. **Revista Memorare**, v. 7, n. 2, p. 184-198, 2020.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Infodemia, desinformação, pós-verdade: o desafio de conceituar os fenômenos envolvidos com os novos regimes de informação. **The International Review of Information Ethics**, v. 30, n. 1, 2021.

ARORA A, Jha, A K, Alat, P. Understanding coronaphobia. **Asian J Psychiatr**. 2020 Dec;54: 102384. Doi: 10.1016/j.ajp.2020.102384. Epub 2020 Sep 6. PMID: 33271693; PMCID: PMC7474809.

BAPTISTA, João. Ethos, pathos e logos. Análise comparativa do processo persuasivo das (fake) news. **Eikon**, v. 1, n. 7, 2020.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total: mito-ironias do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BENTES, Ivana. **Mídia-multidão**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

BEZERRA, D. R. C. .; PAULINO, Érica T. .; SANTO, F. H. do E.; MAGALHÃES, R. da S. .; SILVA, V. G. da . Use of Integrative and Complementary Practices in the social isolation period of COVID-19 in Brazil. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 9, n. 11, p. e1329119718, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i11.9718. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9718>. Acesso em: 20 jan. 2022.

BICHARA, Marcelo. SARS-COV-2 infodemia, pós-verdade e guerra híbrida. **Revista Estudos Libertários**, v. 2, n. 3, p. 90-101, 2020.

BUENO, Allana Destefani et al. AGRAVOS EMOCIONAIS DECORRENTES DA PANDEMIA DE COVID-19. In: **Anais do I Congresso Internacional de Psicologia da Faculdade América**. 2021.

CARVALHO, Eros Moreira de. Teorias da conspiração: por que algumas não valem um caracol. **Perspectiva filosófica. Recife, PE. Vol. 48, n. 2 (2021), p. 340-357**, 2021.

CARVALHO, Mario et al. Metáforas de um vírus: reflexões sobre a subjetivação pandêmica. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020.

CENTRO DE PESQUISAS E ESTUDOS DE DIREITO SANITÁRIO (CEPEDISA); CONECTAS DIREITOS HUMANOS. Direitos na Pandemia – Mapeamento e Análise das Normas Jurídicas de Resposta à Covid-19 no Brasil. **Cepedisa; Conectas Direitos Humanos**, São Paulo, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://www.conectas.org/wp-content/uploads/2021/03/Boletim_Direitos-na-Pandemia_ed_10.pdf>. Acesso: 25 mai. 2021.

CHAGAS, Viktor. Da memética aos estudos sobre memes. **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**, 2020.

CONTRERA, M. S. (2002) Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. S. Paulo: Annablume. (2002) "Jornalismo e mídia - paranóia e crise das competências simbólicas", Revista Virtual Ghrebh-no. 1, www.cisc.org.br/ghrebh.

D'AVO, Caroline *et al.* **Cresce o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br**: indicador inédito sobre uso da Internet durante a pandemia integra a TIC Domicílios 2020 (Edição COVID-19 - Metodologia Adaptada), lançada nesta quarta-feira. [S. l.]: Cetic.br, 18 ago. 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/>. Acesso em: 28 dez. 2021.

DE OLIVEIRA SOARES, Raquel Juliana. COVID-19 e Riscos Psicossociais: um alerta sobre o Suicídio. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 1859-1870, 2021.

DOUGLAS, Karen M.; SUTTON, Robbie M.; CICHOCKA, Aleksandra. The psychology of conspiracy theories. **Current directions in psychological science**, v. 26, n. 6, p. 538-542, 2017.

ESTRANHO DEMAIS: CRIADORA da AZTRAZENICA sem querer ENTREGA o PLANO!. Youtube, 2021. 1 vídeo (20). Publicado pelo O Documentarista. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_P-0HuEioOE&ab_channel=ODocumentarista. Acesso em: 9 jan. 2022.

FALTAY, PAULO. Conspiração e engajamento no YouTube: o modelo de negócios paranoide das plataformas. **Anais do VI Simpósio Internacional LAVITS, Salvador**, v. 26.

FERREIRA, Rejane Eleuterio et al. Mídias virtuais e a saúde mental durante o distanciamento social imposto pela pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 11, p. e354101119712-e354101119712, 2021.

FOGUEL, Israel. **Teoria da Conspiração**. São Paulo: Clube de Autores, 2021.

FREITAS, André Ricardo Ribas; NAPIMOGA, Marcelo; DONALISIO, Maria Rita. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. **Epidemiologia e serviços de saúde**, v. 29, 2020.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri *et al.* A ciência entre a infodemia e outras narrativas da pós-verdade: desafios em tempos de pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2863-2872, 2021.

GOMES, Denise Cristina Ayres. É melhor prevenir do que remediar: a doença imaginária no jornalismo. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 22, n. 65, p. 493-503, abril de 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000200493&lng=en&nrm=iso>. acesso em 12 dez. 2021. Epub 20 de julho de 2017. <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622016.0948>>.

_____. A saúde como autorrealização: o imaginário na fanpage “Melhor com Saúde”; **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n.1, abril de 2019, p. 7-28. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/27595>>. Acesso: 03 jan. 2022.

GUTFREIND, Cristiane Freitas; DA SILVA, Juremir Machado; JORON, Philippe. **Laço social e tecnologia em tempos extremos: imaginário, redes e pandemia**. Editora Sulina, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. São Paulo: Vozes, 2021.

IAMARINO, Nerdologia. Como memes invadem a sua mente | Nerdologia. YouTube, 7 dezembro 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=755KT0GpQjo>>. Acesso em: 11 out 2021.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; MELLO, Denise Maurano; NUNES, Macla Ribeiro. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimento-e luto: afetos do sujeito da pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, p. 583-596, 2020.

KEELEY, Brian L. Of conspiracy theories. **The journal of Philosophy**, v. 96, n. 3, p. 109-126, 1999.

KLEBIS, Daniela. Mensagem subliminar: paranóia ou ciência?. **Com Ciência - SBPC**, Online, v. 1, n. 1, p. 1, 10 mar. 2006. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/index.php?section=8&edicao=11&id=79>. Acesso em: 20 jan. 2022.

LE BRETON, André. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. 6.ed., 4. reimpr.; Campinas, SP: Papirus, 2016.

LEITE, Letícia Novaes Cardoso; FRANÇA, Gabriela Ferreira; DOS SANTOS, Ronaldo Bispo. Youtubers conquistando corações e mentes. In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, Fortaleza**.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MAFFESOLI, Michel: o imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 5. ed.; Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. É na galáxia do imaginário que desenvolvemos a convivência. (Prefácio). In: GUTFREIND, Cristiane Freitas; SILVA, Juremir Machado da; JORON, Philippe. (orgs.). **Laço social e tecnologia em tempos extremos: imaginário, redes e pandemia**. Porto Alegre: Sulina, 2020, p. 7-9.

MALINI, Fabio et al. Medo, infodemia e desinformação. **Revista UFG**, v. 20, 2020.

MENDES, Guilherme. O poder da persuasão: o que é e como desenvolvê-lo?: O poder da persuasão. 1. ed. [S. l.]: Fm2s, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://www.fm2s.com.br/persuasao/>. Acesso em: 29 set. 2021.

MENDES, Luiz Augusto Soares. Medo, pobreza e a vida desigual na cidade em todos os tempos. **Editora Itacaiúnas**, 2020.

NABUCO, Guilherme; DE OLIVEIRA, Maria Helena Pereira Pires; AFONSO, Marcelo Pellizzaro Dias. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental. **Revista Brasileira de medicina de família e comunidade**, v. 15, n. 42, p. 2532-2532, 2020.

NASCIMENTO, Ludna Pereira; DOS SANTOS, Joyci Pontes; DE SIQUEIRA, Maria da Conceição Caetano. CORONOFÓBIA E AS DESORDENS PSÍQUICAS EMERGENTES NA PANDEMIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 10, p. 3370-3390, 2021.

NOVA DOENÇA pior que a COVID surge na Índia e VAI SE TORNAR UMA nova pandemia!. Youtube, 2021. 1 vídeo (8). Publicado pelo O Documentarista. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nKvXUXg5APo&ab_channel=ODocumentarista. Acesso em: 9 jan. 2022.

O GRANDE RESET MUNDIAL em 2021 – Entenda Tudo”! . [S. l.:s. n.], 2021. 1 vídeo (10). Publicado pelo O Documentarista. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mraVZMSoFeo&t=2s&ab_channel=ODocumentarista. Acesso em: 8 jan. 2022.

ORNELL, FELIPE et al. Pandemia de medo e COVID-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Revista debates in psychiatry**, v. 20, 2020.

RÊGO, Ana. **YOUTUBE: repositório da desinformação**. 1. ed. [S. l.]: Nujoc, 4 nov. 2021. Disponível em: <https://www.nujocchecagem.com.br/youtube-repositorio-da-desinformacao/>. Acesso em: 28 dez. 2021.

RIBEIRO, Renata Rezende et al. A reinfosfera na pandemia do novo coronavírus: infodemia, fake news e sociabilidade perversa. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 1, p. e5694-e5694, 2021.

SACRAMENTO, Igor. A saúde numa sociedade de verdades. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 12, n. 1, 2018.

SALGUEIRO, Marilene. COVID–19 e medo Social: vivências emocionais em tempos de pandemia. **Um mundo de incertezas: as leituras possíveis de um tempo pandêmico**, p. 95, 2021.

SANTOS, Tania Coelho. Desmentido ou inexistência do Outro: a era da pós verdade. **aSEPHallus**, v. 11; n.22; p. 4-19, 2016.

SILVA, Juremir Machado da. *Tecnologias do imaginário*. 3a ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **Diferença e descobrimento: o que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação**. Porto Alegre: Sulina, 2017, p. 22.

_____. Michel Maffesoli e a pós-modernidade como fenômeno de comunicação. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 2, p. 6-18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/Maffesoli%20e%20a%20P%C3%B3s-Modernidade%20Juremir%20Machado%20da%20Silva>>. Acesso: 05 jan. 2022.

SILVA, Sandra. **Teorias da conspiração: sedução e resistência a partir da literacia mediática**, Portugal. 2010. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) - Universidade do Porto, Porto, 2010.

SOARES, Alisson. Conspiração, Mentiras e Imunização na Estabilização de Crenças. **Tecnociência e democracia em tempos de pandemia**, p. 30, 2021.

SURGE Nova Doença e o Pentágono se prepara para APOCALIPSE ZUMBI. Youtube, 2021. 1 vídeo (9). Publicado pelo O Documentarista. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9DadhSeUbSQ&ab_channel=ODocumentarista. Acesso em: 9 jan. 2022.

TEORIAS da conspiração sobre a pandemia de covid-19 são “insanas e diabólicas”, diz Bill Gates: O co-fundador da Microsoft considera essencial perceber as motivações das “loucas teorias da conspiração” que invadiram a Internet ao longo do último do ano.1. ed. Online:

Reuters, 27 jan. 2021. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2021/01/27/impar/noticia/teorias-conspiracao-pandemia-covid19-sao-insanas-diabolicas-bill-gates-1948098>. Acesso em: 10 nov. 2021.

TORRES, Cleyton Carlos et al. O discurso mêmico na construção de novas formas de linguagem sobre divulgação científica através de mídias sociais. 2017.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Ciência e Cultura**, v. 68, n. 3, p. 60-61, 2016.

VAN ZOONEN, Liesbet. I-Pistemology: Changing truth claims in popular and political culture. **European Journal of Communication**, v. 27, n. 1, p. 56-67, 2012.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo R.; CASTIEL, Luis David. COVID-19, as fake news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020.

WAINBERG, Jacques Alkalai. Mensagens fakes, as emoções coletivas e as teorias conspiratórias. **Galáxia (São Paulo)**, p. 150-164, 2018.

WERNECK, Alexandre. Graça em tempos de desgraça? A jocosidade como operador da crítica nos memes na pandemia. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Reflexões na Pandemia (seção excepcional)**, 2020c. Disponível (on-line): <https://www.reflexpandemia.org/texto-2>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2020a). *Coronavirus disease 2019 (COVID-19): situation report - 78*. Geneva: Author . Retrieved from http://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200407-sitrep-78-covid-19.pdf?sfvrsn=bc43e1b_2
» http://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200407-sitrep-78-covid-19.pdf?sfvrsn=bc43e1b_2